



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE HISTÓRIA**

HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA

**BENEDITO DO ROJÃO:
POR UMA HISTÓRIA DE VIDA**

CAMPINA GRANDE – PB
2012

HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA

**BENEDITO DO ROJAO:
POR UMA HISTÓRIA DE VIDA**

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Dr. Jomar Ricardo da Silva

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

O48b

Oliveira, Herbert de Andrade.

Benedito do Rojão [manuscrito]: por uma história de vida. / Herbert de Andrade Oliveira. – 2012.
53 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação - CEDUC, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva, DFCS”.

1. Benedito do Rojão. 2. Memória. 3. Histórias de vida. 4. Historiografia. I. Título. II. João Benedito Marques.

21. ed. CDD 907.2

HERBERT DE ANDRADE OLIVEIRA

**BENEDITO DO ROJAO:
POR UMA HISTÓRIA DE VIDA**

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Estadual da Paraíba.

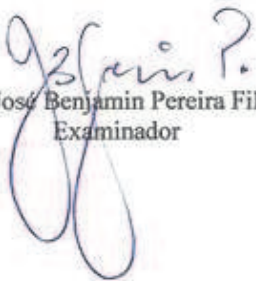
Aprovada em 26 de junho de 2012.



Dr. Jomar Ricardo da Silva - UEPB
Orientador



Dr. Patricia Cristina de Aragão Araujo - UEPB
Examinador



Esp. José Benjamin Pereira Filho
Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, filho, aos antepassados e presentes de nossa família, e a todos ou todas que por perto passaram ou que por perto ainda estão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e avós.

RESUMO

Defendemos nesse trabalho a possibilidade de termos um novo olhar para a história, defendemos uma “história vista a partir de baixo”. Aqui, escrevemos a partir de depoimentos orais e com base na visão do próprio personagem principal dos fatos. Mais que procurar uma única verdade, procuramos uma versão da verdade.

A presente obra trata do artista popular (compositor e interprete musical) João Benedito Marques, mais conhecido como Benedito do Rojão. Como singular, nosso objeto de pesquisa é também a fonte primordial de informações, e ainda por cima continua fisicamente vivo.

Nosso processo de pesquisa e produção de uma narrativa não se centrou, ou teve como objetivos, apenas o estudo da figura ilustre já citada. Não nos restringimos a estudar sua vida, sua relação com a música, família, polêmicas envolvendo músicas escritas por ele e gravadas por outros interpretes, sem que estes tenham lhe dado os devidos créditos, como Jackson do Pandeiro e Rossil Cavalcante.

Procuramos acima de tudo, fazer a defesa teórica de uma história das camadas populares. Uma história na qual essa parcela da população menos favorecida economicamente seja o foco principal da investigação. Construimos uma história da circulação dos elementos culturais oriundos desses setores sociais, que conseguem penetrar nos meios institucionais e socio-economicamente privilegiados.

PALAVRAS-CHAVE: Benedito do Rojão, Memória, Histórias de Vida

ABSTRACT

We support this work the possibility of having a new look at history, we advocate a 'history from below'. Here, we write from oral testimony and based on the view of the main character of the facts. Rather than look for a single fact, try a version of the truth.

The present work deals with the popular artist (songwriter and musical interpreter) João Benedito Marques, better known as the Benedict Rojão. How singular focus of our research is also the primary source of information, and moreover still physically alive.

Our process of exploration and production of a narrative is not focused or aimed at, only the study of the illustrious figure cited above. Do not restrict ourselves to study his life, his relationship with music, family, controversies involving songs written by him and recorded by other performers, without their having given him due credit, as Jackson do Pandeiro and RossilCavalcante.

We seek above all to the defense theory of the history of popular classes. A story in which that portion of the poor population is the main focus of research. We build a history of movement of cultural elements from these social sectors, which can penetrate the institutional resources and socio-economically privileged.

KEYWORDS: Benedito do Rojão, Memory, Life Stories

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	POR UMA HISTÓRIA DE VIDA	12
2.1	História e Memórias de Benedito do Rojão	12
2.2	História oral ou depoimentos orais?	16
2.3	Benedito por ele mesmo	19
2.4	Outra visão histórica é possível!	21
2.5	Historiografia sobre Benedito do Rojão	24
3	MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UM MESTRE CHAMADO BENEDITO DO ROJÃO	26
3.1	Antes de Benedito	26
3.2	Do nascimento ao início da juventude	29
3.3	Benedito ganha o mundo	32
3.4	Nos tempos do rádio e outras histórias	35
3.5	Benedito na televisão	44
3.6	Fora dos palcos?	45
3.7	Anos dois mil...	47
	CONCLUSÕES	50
	REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Desde longo tempo existe o interesse humano em pesquisar e eternizar por meio da escrita epopéias de vidas individuais. Tradicionalmente, as trajetórias de personalidades encaradas como importantes por suas posições privilegiadas dentro das sociedades de classes, como reis, imperadores, generais, políticos de destaque, entre vários outros, foram objetos privilegiados de variados estudos históricos.

Gênero de escrita que como dissemos é bastante antigo, o que chamamos hoje de biografia (que não é a única forma de escrita sobre trajetórias individuais de vida) não tinha até mais ou menos recentemente objetivo de narrar a vida de pessoas comuns (trabalhadores rurais, operários das indústrias, mestres de conhecimentos populares como raizeiros e parteiras, artistas de rua, etc). Porém, essa tendência foi um pouco alterada com o lançamento nas décadas recentes de teorias e trabalhos de pesquisa que demonstraram ser o estudo de trajetórias individuais de pessoas das classes populares, um meio bastante eficiente para obtenção de conhecimentos sobre toda uma sociedade e sua dinâmica própria de transformações.

Mas para que isso ocorra não basta colocar os sujeitos das classes populares como objetos de pesquisa desenvolvida nos meios exclusivamente acadêmicos. É necessário realmente dar voz aos membros das classes sociais menos favorecidas social e economicamente. É necessário que seja feita uma história das classes populares; a história das classes populares vista a partir delas mesmas.

Interessante notar, nesse sentido, a diferença conceitual que por vezes é dada as “*biografias*”, “*autobiografias*” e “*histórias de vida*”. As biografias seriam caracterizadas por uma pesquisa e narrativa, desenvolvida por um pesquisador sobre trajetórias individuais de vida de um outro sujeito (em vida ou já falecido). As autobiografias são a escrita da trajetória individual desenvolvida pelo próprio indivíduo que foi sujeito da história (a escrita sobre si próprio). Já as histórias de vida são um trabalho de parceria entre o sujeito biografado e um pesquisador que procurará não intervir demasiadamente na forma como é narrada a trajetória individual. Nesse último caso, a fonte privilegiada de informações é a memória. Ainda nesse último caso, mais importante do que entrar em um debate sobre VERDADE x MENTIRA, é discutir a visão que o sujeito tem sobre sua própria história.

Acreditamos que esses conceitos de “*história de vida*” (que iremos desenvolver melhor no capítulo 02 – *por uma história de vida*) se encaixa no nosso trabalho, na pesquisa que fizemos e nas fontes que coletamos, e na forma de narrativa que segue mais a frente.

Além de contar sua história e de como passou de João Benedito Marques para Benedito do Rojão, pretendemos descobrir e socializar algumas informações sobre a história da cultura e das artes de toda uma região, mais especificamente na Paraíba e especialmente na zona territorial-cultural cujo centro gravitacional girava em torno de Campina Grande/PB.

Ao mesmo tempo, procuramos discutir e problematizar sobre as relações entre memória e história. Entre elas, como trabalhar com a(s) memória(s) enquanto fonte(s) de informações para produção historiográfica.

Hoje em dia o interesse pelas trajetórias individuais de vida é crescente. Para além dos historiadores, esse tipo de trabalho chama o interesse de uma gama mais ampla de pessoas, das mais diversas origens, formações e interesses. Especificamente a biografia, é um gênero bastante atrativo para um público mais amplo e detêm parte considerável do mercado atual de publicações históricas.

Com isso a diversidade de enfoque e personagens pesquisados aumentou bastante, indo desde as tradicionais biografias sobre “grandes personalidades” até os trabalhos mais atuais sobre histórias de vida de personagens da cultura popular.

No capítulo 02 (*por uma história de vida*) fizemos uma discussão teórica sobre: história e memória, história oral X depoimentos orais, histórias de vida, novas tendências historiográficas baseadas no conceito da “história vista a partir de baixo”, e concluímos o capítulo com uma historiografia de Benedito do Rojão, apontando o que já foi escrito sobre ele, bem como as possíveis fontes sobre o assunto.

Nessas discussões, procuramos a todo momento relacionar o que estava sendo debatido teoricamente com o nosso trabalho. Fizemos no capítulo 02 uma verdadeira análise teórica em cima de uma pesquisa específica, baseada em memórias. É um capítulo teórico, mas com teorias analisadas sob a luz da prática.

O capítulo 03 é a história de vida de Benedito do Rojão propriamente dita.

Iniciamos esse capítulo com suas memórias (ou melhor, as memórias sociais preservadas por esse indivíduo...) a respeito dos anos “*antes de Benedito*”. Remetemos nossa pesquisa aos seus avós, de forma breve, e aos seus pais, de forma um pouco mais aprofundada. Descobrimos nesse ponto os antecedentes que acabaram por influenciar posteriormente Benedito.

Passamos para o tópico “*do nascimento ao início da juventude*” no qual estudamos sobre os primeiros anos de vida e como desde cedo nosso personagem teve contato com elementos culturais preservados e reinventados por seus familiares, especificamente a roda-de-coco. É desse período suas primeiras influências no campo musical.

Ficamos sabendo como Benedito começou a tocar, dançar, se envolver com o mundo da música. É através da música que *“Benedito ganha o mundo”*, como veremos no sub item 2.3. Vimos como foram suas primeiras andanças, tocando na zona rural em festas de casamento, batizados, entre outras. Foi nessas andanças que conheceu e depois passou a morar definitivamente em Campina Grande, cidade que marcou e deu novos rumos a sua vida.

Várias foram as histórias vividas por Benedito em Campina Grande e “mundo afora”. Até que no final da década de 50 sua vida tem nova guinada, e entramos então *“nos tempos do rádio e outras histórias”*. É na rádio que se torna mais conhecido. É na rádio que suas influências culturais e artísticas se ampliam vertiginosamente. É nos tempos da rádio que faz suas primeiras músicas. É desse tempo as polêmicas que marcam até hoje a vida de Benedito: sobre a música “Forró na Gafieira” que diz ter sido feita por ele mas que foi registrada em nome de Rossil Cavalcanti, e da mesma forma a música “Santo Antônio” que teria vendido a Jackson do Pandeiro na Feira Central de Campina Grande.

Deixa a rádio em Campina Grande, se separa da primeira esposa e novamente cai na estrada, dessa vez com a viola, chegando até Aracaju, onde trabalhou por mais de um ano, inclusive na rádio difusora daquela cidade. Retornando para Campina Grande, tem outra grande oportunidade; é *“Benedito na televisão”*. Sua primeira passagem pela televisão foi de fato inusitada e bastante rápida, mas marcou uma época.

Depois desse tópico levantamos a discussão se Benedito teria passado um tempo *“Fora dos palcos?”*, até ser redescoberto nos *“anos dois mil...”*.

Como veremos, demos maior destaque em nosso trabalho à trajetória social de vida de Benedito do Rojão desde antes do seu nascimento até o momento em que grava seu primeiro CD, já nos primeiros anos do novo milênio.

As informações que seguem são apenas uma parte de um trabalho que necessariamente deverá ser mais longo. Um trabalho sobre esse indivíduo que vê sua história “a partir da música”.

2. POR UMA HISTÓRIA DE VIDA

*Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...*

*Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!*

Mario Quintana

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas fíndas
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

2.1. História e memórias de Benedito do Rojão

A memória é nossa primeira experiência sobre o tempo. Antes do tempo cronológico, a memória deixa claro uma divisão temporal entre o que é hoje e o que foi ontem. Nessa relação, passamos também a imaginar o que será depois, ou o que chamamos de amanhã. Através da memória tomamos conhecimento que, de alguma forma, existe o tempo, e esse não é estático. Memória é, como diz a filosofia, a mais reveladora manifestação da nossa relação com o tempo.

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras. Para esses estudiosos, a memória se reduziria, portanto, ao registro cerebral ou à gravação automática pelo cérebro de fatos, acontecimentos, coisas, pessoas e relatos.

Essa teoria, porém, não se sustenta. Em primeiro lugar, porque, se a memória fosse mero registro cerebral de fatos e coisas passados, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e escolhemos o que lembramos e que a lembrança tem, como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (há lembranças alegres e tristes, há saudade, há arrependimento e remorso). Em segundo lugar, também não se poderia explicar o esquecimento, pois se tudo está espontâneo e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras tantas. (Chauí, 1997, pág. 128, p. 1)

Nesse processo que envolve elementos objetivos e subjetivos no acúmulo de informações sobre o passado e presente, tão importante quanto a categoria da lembrança é o próprio esquecimento. *“Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época.”* (BOSI, 2003, pág. 18, p. 5)

Entendemos então que, para além de ser um mero processo neurofisiológico de lembrança e esquecimento, a memória possui variadas dimensões e significações, todas fundamentadas em uma lógica comum, a retenção (ou não) de informações genéricas. Quando falamos em memória podemos nos referir, entre outros: a memória perceptiva ou reconhecimento, fundamental na vida cotidiana; memória-hábito, adquirida pela repetição de gestos que se tornam “involuntários”; memória social ou histórica, preservada por uma sociedade através de mitos, relatos, registros, documentos, monumentos, datas, nomes e lugares de abrangência coletiva; a própria memória biológica da espécie; a memória artificial.

Vimos que o termo memória tem variadas definições. Para a ciência histórica, embora não se resuma apenas a esses, é usada frequentemente para tratar de dois fenômenos distintos mas relacionados: refere-se tanto ao processo que ocorre no nível da mentalidade humana, seja ela individual ou coletiva, quanto a cultura material gerada pelas sociedades ao longo do tempo, ou seja, toda produção material humana (edificações, monumentos, obras de arte, utensílios da vida cotidiana, CDs, livros, entre muitos outros exemplos).

Segundo Gonçalves:

(...) a palavra memória denomina tanto, a) o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pelas sociedades (trata-se de uma dimensão ‘interior’ da memória) quanto b) a existência objetiva da experiência dos grupos, através do tempo, objetividade essa expressa nos monumentos, documentos e relatos da sua história. (Gonçalves, 2000, pág. 16)

Em nosso trabalho utilizamos como fonte privilegiada de informações históricas, as memórias de Benedito do Rojão. Suas memórias em dois sentidos: a nível de mentalidade, vamos dizer assim da sua intimidade mental, as informações que guardou e as que deixou de guardar, suas memórias individuais ou as memórias coletivas por ele transmitidas; também a memória objetiva, material, preservada por ele e sua família mais próxima, especialmente os materiais que encontramos expostos a vista de “todos” nas estantes e paredes de sua casa, como fotografias, troféus, LPs, utensílios em geral, e aqueles essenciais ao seu cotidiano e estilo próprio de vida, como móveis gastos, gravadores, entre outros.

Esses objetos que fazem parte da vida de Benedito do Rojão, do seu presente e passado, são verdadeiros objetos biográficos. Objetos de memória, objetos que contam histórias.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloqüente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade (...) (BOSI, 2003, pág. 25, p. 7)

Como na poesia de Mário Quintana *“Essa lembrança... mas de onde? de quem? / Essa lembrança talvez nem seja nossa, / mas de alguém que, pensando em nós, só possa / mandar um eco do seu pensamento / nessa mensagem pelos céus perdida... / Ai! Tão perdida / que nem se possa saber mais de quem!”*, sabemos que não é possível determinar, por assim dizer, de quem exatamente é a memória, mesmo quando escutamos Benedito do Rojão falar. Também não é possível determinar de quem é a memória mesmo quando vemos fotos, troféus, LPs, objetos da vida musical de Benedito, pois eles estão expostos em móveis junto com outros objetos que são familiares, de uso coletivo, escolhidos, organizados e utilizados por toda uma família. Todos esses materiais, dispostos dentro de uma casa de uso coletiva. Na verdade, tudo aqui é coletivo, desde as memórias transformadas por nós em fontes históricas,

passando por este texto, feito de recortes e colagens devidamente interpretadas e incrementadas.

Benedito narrou para nós momentos de “sua vida” que se passaram antes do seu nascimento. Quando narrava, transmitia a sensação que lá estava presente nas cenas recordadas. Tão forte era a presença da memória familiar que Benedito, quando narrava, tomava a figura de uma testemunha ocular dos fatos. Lembrava como quem viveu e viu a mudança do seu pai à Paraíba, das rodas de coco que sua família fazia em Alagoa Grande e depois em Catolé de Boa Vista (distrito de Campina Grande), do seu nascimento e primeiros anos.

Essas lembranças foram contadas para ele tantas vezes por seus familiares e pessoas mais próximas que ele as incorporou. Passou para nós essas experiências, e nós traduzimos toda uma trama de transmissão oral para a escrita. Muitas lembranças de Benedito, lembranças familiares para melhor dizer, remetem a seus avós.

A sociologia esteve na vanguarda dessas discussões sobre os aspectos coletivos e individuais que formam a memória. A partir de então, sabe-se que o registro de algo exterior ao indivíduo é um registro pessoal, mas também social. A família e a sociedade como um todo exercem para a memória pessoal um “(...) *apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.*” (BOSI, 2003, pág. 54, p. 1)

Portanto, seguir o percurso de uma história de vida individual na verdade é pesquisar uma história social. Como consequência, a escrita de uma história de vida deve ser também a escrita de uma história social; pontos específicos de uma história infinita.

O mundo social extremamente complexo pode nos chegar através das memórias, especialmente dos velhos.

O verdadeiro teste para a hipótese psico-social da memória encontra-se no estudo das lembranças de pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSSI, 1994, pág. 60, p. 01)

O sujeito que recorda e fala, o faz a partir do seu presente. Mesmo alguém da terceira idade sempre estará recordando e transmitindo suas memórias a partir das influências e determinações do momento presente. Ele escolhe o que falar, o que não falar, até onde falar, como falar. *“Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador, e das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentre de um tesouro comum”*(BOSI, 1994, pág. 411, p. 3)

Quando Benedito narrava, ele estava se entregando consciente e atentamente ao próprio passado. Benedito hoje é visto e escutado, é conhecido por muitos. O seu presente influencia diretamente seu passado, assim como o contrário. Sua memória, evocada pelo exercício da lembrança estimulada, direcionou o rumo que a narrativa de sua história de vida tomou, como veremos no próximo capítulo.

Para concluir esse tópico, sabendo que “memória” e “história” não são a mesma coisa, mas estão relacionadas entre si, é possível citarmos pelo menos

(...) duas possíveis formas de relação da história com a memória. Na primeira, a história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Na segunda, a História assume uma dimensão específica de cultura erudita, voltada para produção de evidências e, portanto, assume uma função destrutiva da memória espontânea.

No primeiro caso, pode-se inferir que a História, por ser fertilizadora da memória, acaba por contribuir para que a sociedade encontre, através da própria História, subsídios necessários ao processo inerente ao ser humano de busca de identidade. (...) (NEVES, 2000, pág. 111, p. 4)

2.2. História oral ou depoimentos orais?

Há um debate dentro da ciência histórica acerca do que ficou conhecido como “história oral”. Para seus defensores, a história oral forma uma verdadeira ciência, um campo do conhecimento com objetivos, métodos e técnicas de investigação próprios. Contrariamente a estes, existem aqueles que defendem que a história oral não forma um campo novo do conhecimento. Seria, nesse entendimento, um método histórico específico.

(...) a história oral não existe enquanto área do conhecimento – eu, pelo menos, estou alinhado com pesquisadores e historiadores que vêem no uso das fontes orais apenas uma forma de produzir uma fonte para o trabalho do historiador – e nisso continuo discordando frontalmente daqueles que dizem que publicar entrevistas é fazer um tipo diferente de história, chamado

História Oral. (...) a pesquisa, o cruzamento de fontes, enfim tudo que enseja a complexa operação historiográfica, só ocorre na hora em que se faz uma análise, quando se constrói uma narrativa histórica. A entrevista não se constitui como uma narrativa histórica e o depoente não constrói por meio da memória oral um relato histórico; é apenas um depoimento, uma entrevista, que não institui uma narrativa histórica com todas as suas implicações historiográficas, documentais, metodológicas e escriturais. (MONTENEGRO IN SAECULUM, jan/jun de 2008, pág. 194, p. 5)

A ciência histórica hoje em dia trabalha com uma gama bastante variada de fontes para a construção de narrativas sobre o passado. Entre essas fontes, estão entrevistas gravadas e transcritas, a materialização das lembranças dos sujeitos que deram depoimentos orais.

Os depoimentos orais, sua gravação e posterior transcrição, podem muitas vezes dar conta melhor da complexidade dos fatos e relações sociais do que os documentos tidos como oficiais (provenientes das instituições e do Estado).

Sabemos também que um historiador não deve se restringir em seu trabalho exclusivamente nos depoimentos orais (achando que assim faz um tipo de História Oral). Muito menos se restringir a realizar uma entrevista e publicar a mesma.

Em nosso trabalho privilegamos o estudo das memórias de Benedito do Rojão, aí incluindo seus depoimentos orais e os objetos que encontramos dispostos na sua casa, considerados por nós como “objetos biográficos de Benedito do Rojão” (troféus bem cuidados, fotografias expostas, LPs, móveis em geral, a própria casa como um todo). Juntamente com essas fontes, fizemos uso de CDs e de músicas.

Tivemos o cuidado de estudar o contexto mais geral de cada época e lugar por onde passou Benedito do Rojão. Nosso intuito foi o de observar possíveis contradições entre a narrativa oral e o que diz sobre o mesmo assunto os fatos históricos amplamente conhecidos e aceitos.

Sobre as entrevistas realizadas, observamos todos os conselhos importantes para esse momento: fizemos um planejamento prévio, elaborando roteiro, testando todos os equipamentos; realizamos as entrevistas da melhor forma possível, deixando o depoente a vontade para traçar sua narrativa, mas ao mesmo tempo não nos eximindo de fornecer problemas para estimular as lembranças, realizando anotações sobre as passagens importantes; garantimos o trabalho posterior de transcrição e também procedemos a uma atenta análise das informações coletadas.

Nesse processo houve a produção de fontes históricas, os documentos orais (transcrições). Da produção desses documentos, podemos afirmar que participaram o historiador (através do seu ofício) e o depoente (por meio de suas memórias).

De toda forma, trabalhar como fontes, com sujeitos vivos, pode ser uma forma mais rica para obtenção de conhecimentos. Podemos voltar várias vezes a mesma fonte, e inclusive nessas idas e vindas constatar que semelhanças e diferenças de uma mesma informação existem nos discursos; todos os ângulos do assunto podem ser investigados.

Espontâneo e de personalidade aberta, nada introspectivo, simpático e apreciador de uma boa conversa, trabalhar com Benedito do Rojão se mostrou mais fácil do que imaginávamos antes, pelo menos no tocante ao planejamento e transcorrer das entrevistas.

Lembramos de uma passagem de Walter Benjamin (IN: BOSI, 1994): *“O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”*

E que experiência foi a nossa ao escutarmos as histórias de Benedito do Rojão. Sentimos que ele não só lembrava dos fatos e pessoas, quase que evocava ao presente essas lembranças. Revivia o que contava. Em uma das entrevistas que realizamos, quando falava da roda de coco, fez questão de se levantar da cadeira e começou a dançar como se estivesse nos seus tempos de menino, ensinando os passos, sons, músicas e organização da roda. Ele mais do que contou, ele reviveu imagens do passado.

É importante salientarmos que a memória oral não apresenta informações, pontos de vista e formas padronizadas como apresentam alguns documentos oficiais, ao contrário, ela tende a demonstrar pontos de vista distintos ou mesmo contraditórios e formas diversificadas. Para alguns historiadores, é justamente esse ponto que traz riqueza para a narrativa baseada em memórias orais.

Isso não quer dizer que os testemunhos orais são sempre mais autênticos que os provenientes de instituições, e vice e versa. O entrevistado *“mesmo que não queira, está construindo e, de certa maneira, instituindo uma identidade, uma imagem que poderá se tornar pública, por meio de palavras. Aquele relato oral de certa forma imobiliza um conjunto amplo e diversificado de experiências, opiniões, pensamentos, sonhos.”* (MONTENEGRO IN SAECULUM, jan/jun de 2008, pág. 203, p. 2)

Com o senso crítico apurado que deve ter qualquer historiador, podemos considerar que muitas vezes a fonte oral deve ser usada mais para suscitar problemas (de pesquisa e outros) do que para fazer afirmações propriamente ditas.

2.3. Benedito por ele mesmo

Sob o ponto de vista de alguns conceitos acadêmicos, o trabalho que desenvolvemos de pesquisa e escrita sobre o passado e presente de Benedito do Rojão pode se enquadrar como uma "História de Vida". Esse termo se refere a um gênero de produção historiográfica baseado na elaboração de uma narrativa por parte de um pesquisador que por sua vez se baseou prioritariamente nos depoimentos orais da pessoa que também é objeto de estudo. Ou seja, certo indivíduo é fonte privilegiada de informações para o pesquisador, por meio de sua memória, e ao mesmo tempo esse indivíduo é o próprio objetivo de estudo.

Difere da "autobiografia" e da "biografia", pois na primeira a pessoa escreve sobre sua própria vida, e na segunda um pesquisador faz uma investigação em diversas fontes (podendo inclusive fazer uso de depoimentos orais) para desvendar a história de determinado indivíduo. Em comum, esses três gêneros (histórias de vida, autobiografia, biografia) trabalham com a sequência de vida individual, a sequência biográfica.

A produção de uma "história de vida" pode gerar importantes conhecimentos históricos, ao mesmo tempo em que exige o encontro de diferentes disciplinas (como a filosofia, psicologia e sociologia) que irão fornecer bases teóricas para análises a partir de variados enfoques.

(...)Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e (...) nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro.

A história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um **narrador-sujeito** e de um intérprete.

Já a biografia se define como a história de um indivíduo redigida por outro.

(...) enquanto na autobiografia o trabalho de edição é feito pelo próprio narrador, que seleciona e constrói seu texto, na história de vida, para preparar a publicação do texto biográfico, o investigador tem de realizar três operações sucessivas: o recorte do texto, a montagem e a tradução (passagem da linguagem oral para a escrita).(PEREIRA, 2000, pág. 118, p. 01)(grifo nosso)

No caso da "história de vida", além da história propriamente dita o que interessa é a versão dada pelo indivíduo sobre si próprio.

Podemos dizer que procuramos fazer uma história de "Benedito por ele mesmo", pois elaboramos um relato sobre sua existência a partir da sua própria narrativa. Assim, quem fez o relato e deu sequência para a história de vida fomos nós, historiadores, mas esse relato foi construído a partir da narrativa de Benedito. Enquanto historiadores, tivemos que proceder, após as entrevistas, ao recorte do texto, a montagem e a tradução das informações de uma linguagem oral para a escrita.

A priori, aceitamos as informações dadas pelo **narrador-sujeito**, mas sempre tivemos o cuidado de observar se essas informações não poderiam contradizer fontes históricas amplamente aceitas.

Durante as entrevistas, Benedito do Rojão narrou que fez duas músicas que não estão em seu nome: uma recebe a assinatura de Rossil Cavalcanti e outra de Jackson do Pandeiro. Na verdade, grande parte da fama atual de Benedito se deve a esses fatos de conhecimento público, especialmente a música que teria vendido para Jackson.

Sobre a passagem das músicas, percebemos que existe em Campina Grande/PB (onde hoje mora nosso personagem) certa contestação de sua veracidade, porém essa contestação se dá de forma velada; ninguém questiona publicamente ou por meio de “trabalho científico” ou jornalístico.

Sobre as biografias, normalmente elas são vistas como “mais precisas”, “científicas”, pois são feitas por um pesquisador que cita documentos e fala sobre os fatos objetivamente, realisticamente. Essa visão esconde o fato de que qualquer trabalho, seja ele tido como científico ou não, é parcial e traz todas as influências dos seus autores embutidas no texto.

Sendo assim, um dos pontos mais interessantes das histórias de vida é que, como falamos, temos em grande medida a interpretação do narrador sobre sua própria vida.

(...) a história de vida permite explorar melhor certos elementos que, em geral, são lacunares nos textos autobiográficos e biografias: aspectos da intimidade, processos de tomada de decisões, vida cotidiana, etc.. Além disto, permite maior controle sobre as informações e, portanto, uma maior confiabilidade do relato. Conduzindo a conversação, o investigador estimula o entrevistado a lembrar-se (...) Um entrevistador que está compilando uma história de vida pode voltar diversas vezes ao tema, colocando questões de controle, ou ajudar o sujeito a se lembrar de fatos e eventos. (PEREIRA, 2000, pág. 119, p. 06)

As histórias de vida possuem maiores possibilidades para se adentrarem nas complexas relações entre o indivíduo e o meio social. Podemos conhecer o social a partir de práticas individuais.

De certa forma invertemos um pouco da lógica onde o contexto social é o pano de fundo imóvel da história. Centrando a pesquisa no indivíduo, buscamos conhecer nesse processo o contexto complexo e continuamente em transformação, observando como o indivíduo atuou no meio e como o meio influenciou o indivíduo. Assim, também conseguimos compreender melhor a influência mediadora, entre o indivíduo e o meio, que exerce a família, os vizinhos, a escola e outros grupos.

É importante salientar que, por serem conceitos, histórias de vida e biografias possuem diferentes definições. Trabalhamos com as definições dadas acima.

Refletimos ainda que,

Em se tratando de histórias de vida, são muitas as tarefas do pesquisador: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou de fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados palavra por palavra, deve nos providenciar a chave que transforma o documento cru em uma fonte histórica, explicitando por que razões a plausibilidade é atribuída a uma parte da história de vida e não a outra. E mais: é muito importante elucidar os mitos presentes nas histórias de vida, antes que sua autenticidade possa ser apreciada: “esses mitos que nós todos podemos encontrar prontos para adaptar à nossa situação pessoal e interpretar nossos próprios passados” (PEREIRA, 2000, pág. 126, p. 2)

Como vimos, nas histórias de vida a complexidade do ofício do historiador não é menor do que em outros gêneros historiográficos. Talvez se torne até maior.

Entre outras observações, é importante que durante todo o caminho da pesquisa e elaboração textual da narrativa, seja realizada consulta regular a outras fontes de informações além dos depoimentos orais.

2.3. Outra visão histórica é possível!

Ter conhecimento e influência sobre o passado, e conseqüentemente sobre o presente, é direito de qualquer indivíduo e grupo social. Com o advento da sociedade contemporânea, da transmissão de informações pelos livros e outros meios ainda mais modernos, houve uma “espoliação das lembranças”.

Hoje, os indivíduos e grupos sociais estão sujeitos mais do que nunca a perda dos seus elos com o passado, portanto de suas identidades.

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros (...) ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore guardadas na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nessa cidade onde, como você assinala agudamente, os preconceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira.

Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (...) Dessa maneira, as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra `história`, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade. (...) (BOSI, 1994, pág. 19, p. 1)

Poucos indivíduos e grupos possuem as condições objetivas necessárias para garantir que a história de suas trajetórias individuais e coletivas sejam registradas e eternizadas. A própria academia com suas regras para a produção histórica científica, o Estado com suas normatizações sobre ensino e pesquisa, a sociedade com seus conceitos e preconceitos, a economia material que impõe necessidades mais do que garante possibilidades, entre outras pressões, distancia a história escrita da maioria dos homens e mulheres que vivem e já viveram. Se poucos são aqueles que tem condições de acesso e assimilação dos conhecimentos produzidos sobre o passado, muito menos são aqueles que tem o poder da escrita histórica ou o poder de influenciar esta.

Assim, a história e as memórias de alguns indivíduos e grupos sociais se impõem sobre os outros, que são a maioria.

Sem os vínculos com outras épocas, por conta da destruição de suas memórias materiais e da quebra do círculo de transmissão oral, bem como por não ter acesso aos meios para se realizar uma pesquisa e proceder a uma escrita, a maioria dos indivíduos e grupos sociais são jogados na indeterminação de não terem conhecimentos e técnicas que no passado deram certo. Limitados em conhecimentos (sobre cura de doenças, por exemplo) e técnicas (artes e ofícios manuais que lhes conferisse renda, por exemplo), esses setores acabam se tornando marginalizados, suas vidas materiais acabam se tornando mais insalubres, a pressão sobre eles exercida pela economia e cultura de mercado gera um nível de demandas materiais insustentáveis para suas possibilidades reais de conquistas.

Tradicionalmente, a ciência histórica moderna atuou como mais um dos poderes que excluía a maioria dos indivíduos e sociedades do seu direito ao passado, expulsando-os para o lugar do esquecimento.

Os indivíduos das camadas populares, em contraposição, praticamente não tinham chance de ter suas vidas contadas por escrito, fosse por eles mesmos, fosse por outra pessoa, e muito menos de vê-las publicadas. Assim, o discurso sobre sua vida fica contido na memória de seu grupo (a vila, o campo), e raramente ultrapassa esse círculo. Fechado em um mesmo meio, sua vida não tem o tipo de individualidade própria para suscitar interesse, e que é freqüentemente ligada à mobilidade e ao sucesso social. Enquanto forma individual, ela não é portadora, aos olhos dos que são suscetíveis de fabricar e de consumir o impresso, de qualquer valor. (...) O vivido das classes dominadas, de fato, não está entre suas mãos. Como sugere Pierre Bourdieu, ‘as classes dominadas não falam, elas são faladas’. Seu vivido é estudado de cima, de um ponto de vista econômico e político, em pesquisas que, naquela época, não passam pelo relato de vida. Ele é imaginado no discurso jornalístico e romanesco das classes dominantes, que ele alimenta ao mesmo tempo de sonhos (sobretudo os camponeses) e de pesadelos (sobretudo os operários). A partir do momento em que os meios camponeses e operários têm acesso à prática da escrita (e em particular do relato de vida) eles o farão a partir de imagens deles mesmos já constituídas, que eles encontrarão no seu caminho (...).(PEREIRA, 2000, pág. 125, p. 02)

É necessário romper com as visões mais tradicionalistas em relação a história.

A escrita da história popular (leia-se, de grupos humanos social e economicamente menos favorecidos) é uma forma de resistência contra o esquecimento. Contra o esquecimento de bens culturais de grande valor para toda humanidade.

É possível e necessário construir outra visão historiográfica através das informações trazidas pela memória. É possível garantirmos voz aos grupos marginalizados em vários sentidos. É possível registrarmos e perpetuarmos para as futuras gerações uma nova visão de história.

Enquanto guardião de infinitos conhecimentos, “*a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura (...)*” (BOSI, 2003, pág. 15, p. 3)

Em Benedito, a história é vista a partir da música. A música é o seu e também o nosso elo com o passado, com sua família que brincava de coco-de-roda, com seu pai que entoava as rimas até o sol nascer. É fazendo música que se recorda e nos informa dos sons da infância, dos sons agudos do carro-de-boi que também deixava rastros no chão, dos sons da natureza. É fazendo música que guarda nomes, acontecimentos, paisagens que não existem mais.

As lembranças desse passado musical acabam nos ensinando muito sobre a trajetória social de Benedito do Rojão, seus familiares e conhecidos, bem como os contextos que influenciaram e pelos quais foram todos eles influenciados. Suas lembranças e narrativas, povoadas de sons, criam verdadeiros ambientes acústicos, contextos das várias épocas que viveu.

As músicas que compõe e grava estão inseridas nesse esquema. As letras de suas músicas em grande parte são produzidas a partir de lembranças, seja de seus familiares, especialmente do pai, Benedito Eleotério, seja de fatos coletivos que presenciou.

Assim temos a história vista com outro olhar. A história sendo escrita com fontes não tradicionais, não oficiais.

Inquirido por nós sobre a relação que teve com a música durante sua vida, Benedito respondeu: *“Ou sofrendo ou gozando. Alguma coisa de beleza ou de sofrimento mas colocado na música.”* (B. do R., 02-jun-2011) Temos com essa afirmação e a partir do que será visto no próximo capítulo, uma idéia da importância que a música exerceu e ainda exerce na vida de Benedito. Influência igualmente importante no que diz respeito ao poder que a música tem, hoje, de estimular lembranças, de possibilitar que suas memórias sejam registradas para a posteridade por meio dos CDs e músicas que lança.

2.5. Historiografia sobre Benedito do Rojão

Podemos dizer que a historiografia de Benedito do Rojão é curta.

Ao longo do trabalho inicial de investigação e mesmo depois quando aprofundamos nossos estudos, conseguimos descobrir apenas pequenas matérias escritas e publicadas em revistas, e algumas poucas entrevistas divulgadas na televisão.

Desde o início tivemos uma grande dificuldade em encontrar fontes em geral, especialmente bibliográficas.

Na verdade, até onde sabemos, não existe nenhum trabalho publicado: não existe nenhum livro de história que trate especificamente do tema e também nenhum livro de história onde pelo menos Benedito tenha sido citado.

Imersos na realidade da escassez de fontes, decidimos focar nosso trabalho de pesquisa nos depoimentos orais.

Como falamos no decorrer deste capítulo, em paralelo com esses depoimentos orais fizemos questão de consultar os CDs e as músicas compostas e interpretadas por Benedito.

Encontramos vários materiais expostos nas paredes de sua casa, como fotografias, troféus, certificados, matérias. Vale a pena fazer um registro fotográfico de todos esses materiais e de sua casa como um todo; o que não fizemos até o momento. Da mesma forma, é imprescindível digitalizar as fotografias que vimos na sala de Benedito (inclusive uma de 1958, na época em que trabalhava na rádio)

Além disso, acreditamos ser possível encontrar fontes: nos antigos arquivos pessoais de Rossil Cavalcanti (depois que esse morreu o material ficou com “*Nevinha*” que também já é falecida, e atualmente deve estar em posse, ao que nos parece, de sua irmã que reside em João Pessoa/PB); nos arquivos de jornais escritos, entre eles os do Jornal Diário da Borborema (especialmente matérias sobre a rádio, sobre a inauguração da TV Canal 09, entre outras); outros jornais da época na Paraíba com certeza devem ter noticiado a inauguração da TV Canal 09 e talvez outros momentos em que Benedito estivesse participando; em posse de uma prima residente no Cariri pode existir alguns arquivos da família, inclusive uma foto da mãe de Benedito, inclusive sendo essa sua prima uma entrevistada em potencial; algum material deverá ser encontrado nos arquivos da Rádio Borborema em Campina Grande (alguma programação, folha de pagamento, relação de empregados ou participantes, talvez alguma fotografia, etc); nos arquivos da Rádio Difusora de Aracaju/SE (materiais similares ao que poderemos encontrar na rádio de Campina); na TV Borborema em Campina Grande, antigo Canal 09, ainda é possível ter algum registro; a Universidade Federal de Campina Grande deve ter materiais sobre Benedito do Rojão, já que foi feita uma pesquisa sobre esse personagem quando essa instituição de ensino superior patrocinou seu primeiro CD.

Desde o início da nossa pesquisa pensamos em fazer uma visita com Benedito ao local de seu nascimento e onde passou longos anos de vida: sua primeira casa, em Catolé de Boa Vista, zona rural entre as cidades de Campina Grande e Boa Vista/PB. Possivelmente ainda deve haver os restos dessa casa. Essa visita além de ser importante por irmos registrar e analisar os reflexos atuais do passado (no caso a existência de ruínas ou a forma como os espaços da infância se alteraram, ou não), também seria ocasião mais que propícia para realização de uma entrevista com roteiro previamente organizado. Entretanto, até o momento não conseguimos realizar esse intento.

3. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UM MESTRE CHAMADO BENEDITO DO ROJÃO

Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.

Amadou Hampâté Bâ

3.1. Antes de Benedito

João Benedito Marques, nascido no sítio Juá, distrito de Catolé de Boa Vista (hoje pertencente a Campina Grande/PB), no ano de 1938, ficou mais conhecido por “Benedito do Rojão” por conta de sua maestria na arte de tocar e cantar variados ritmos musicais, entre eles um derivado do forró que se chama “rojão”.

Nossa história começa nas proximidades da fronteira entre Paraíba e Pernambuco, mais precisamente em Goiânia/PE, nas primeiras décadas do século XX.

Nessa época e local viveu Benedito Eleotério, que futuramente viria a ser pai do nosso personagem biográfico. Vaqueiro e carreiro (aquele que lida com os carros de boi para diversas funções entre elas transporte, comércio e atividades no campo em geral), ele deve ter feito muitas viagens, conhecendo cidades e variadas zonas rurais.

Os pais de Benedito Eleotério, em Pernambuco, cantavam coco e possivelmente essas foram uma de suas maiores influências no que diz respeito as artes, sendo com seus pais, certamente, seus primeiros contatos com as danças e músicas.

O coco já era então um bem familiar passado de geração em geração. A memória coletiva de sua família, transmitida para nós por João Benedito Marques, remete até seus avós. Porém, certamente essa tradição vem de muito mais para trás da história.

Na Goiânia, e em praticamente toda a região da zona da mata pernambucana das primeiras décadas do século XX, não só o coco mas também a ciranda, o reizado, o cavalo marinho, entre outras manifestações culturais, eram elementos importantes e bastante presentes.

Benedito Eleotério era um viajante, um aventureiro. Em busca de trabalho e emprego deve ter conhecido bem a zona da mata de Pernambuco e também o estado da Paraíba.

Em uma de suas viagens começou a trabalhar em uma fazenda próxima do então distrito de Alagoinha, vizinho a cidade de Alagoa Grande/PB. Para esse local se mudou,

possivelmente ainda na década de 1920. Ele tinha por volta dos seus 18 para 20 anos. Pelo menos nos primeiros anos de sua estadia na Paraíba, Benedito Eleotério tomou conta e morou na fazenda Sapé.

Circulando, consigo trouxe toda uma série de influências culturais e informações que nos chegam até os dias de hoje através de seu filho. Essa é uma das linhas condutoras de nossa narrativa!

Não sabemos ainda se Regina Maria da Conceição, futura mãe de João Benedito Marques, chegou a morar na fazenda Sapé, mas sabemos que é dessa época (entre décadas 1920 e 1930) sua aproximação com Benedito Eleotério.

A jovem era originária de Alagoinha, próximo a Alagoa Grande.

Vivendo em região com forte presença de ritmos musicais como o coco, Regina Maria possivelmente teve algum contato com esses elementos culturais, possivelmente ainda bem cedo de sua vida.

Para citarmos um exemplo, por essas épocas vivia em Alagoa Grande Flora Mourão, grande tocadora e cantadora de coco e outros ritmos. Andarilha das festas urbanas e principalmente rurais, animando os viventes e repassando conhecimentos para seu filho que ainda criança acompanhava a mãe; era o futuro Jackson do Pandeiro (os dois saíram de Alagoa Grande com destino para Campina Grande em 1930). E não eram só eles que nessa época viviam em Alagoa Grande.

Por essa região muito se praticava a “brincadeira de coco-de-roda”, como era conhecido o ritual envolvendo música e dança ao ritmo do coco. Na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, passados pouco menos de meio século do fim da escravidão no Brasil, brincar de coco-de-roda e ciranda em tranqüilidade deveria ser algo por demais apreciado pela comunidade.

Pelo que nos consta, o pai de Regina, Joaquim Marques, era destilador de aguardente em Alagoa Grande e por isso deveria conhecer bem a zona rural. Sobre sua mãe, a de Regina, parece que ela tinha o apelido de “preta” (posteriormente veio para o Juá junto com outros familiares, como veremos, e por lá faleceu).

Benedito Eleotério se uniu com Regina Maria. Enquanto *“mãe fazia queijo, pai tomava conta da fazenda”*, na fala de Benedito do Rojão.

Regina possivelmente teve algum contato desde nova com o coco e outros ritmos pois, como já fizemos ver, essas manifestações culturais eram comuns no local. Entretanto, João Benedito Marques nos conta que sua mãe aprendeu a tocar e cantar coco com seu pai.

Dessa união entre Regina Marques e Benedito Eleotério, além de uma família (futuramente tiveram os filhos Severino Benedito Marques, João Benedito Marques e Manoel Benedito Marques) também nasceu uma nova roda-de-coco.

Além de Regina, outros membros da família também aprenderam o coco. Tios e primos do futuro João Benedito Marques participavam de uma roda-de-coco organizada por Benedito, o pai, que era o mestre, tocando e puxando refrões que eram logo seguidos pelos demais. Parece certo que até mesmo o pai e a mãe de Regina, avós portanto de João Benedito, ainda chegaram a participar dessa roda-de-coco.

Organizada por Benedito, Regina e outros familiares, parece que essa roda-de-coco durou alguns anos. Dela participavam não só familiares, mas também muitos amigos e vizinhos acompanhavam a “brincadeira”.

Já nos anos 1930, praticamente toda a família deixa Alagoa Grande e muda-se para zona rural de Campina Grande, mais precisamente para o distrito de Catolé de Boa Vista, no sítio/fazenda Juá. Nesse sítio Benedito Eleotério foi carreiro e vaqueiro. O local era do mesmo proprietário que a fazenda onde Benedito Eleotério trabalhava em Alagoa Grande, daí a mudança. O dono era Coronel Aufrásio Câmara que Benedito filho conheceu quando era ainda pequeno: *“quando o pasto se acabava em Alagoa Grande, transferia o gado para Catolé de Boa Vista, por isso a mudança de Benedito Eleotério”* e diz ainda que *“ele tinha ainda a Fazenda Cachoeira do Gama.”*

Desde que chegaram nesse novo local, pais, tios e primos de João Benedito (que ainda não havia nascido) repetiram a prática e organizaram o coco-de-roda.

Na base dos instrumentos zabumba, triângulo, caixa, ganzá e caracaxá, o coco varava a madrugada e muita gente de toda a região de Catolé de Boa Vista ia participar da brincadeira, até porque na época, nesse local, não haviam muitas opções de lazer.

Em Alagoa Grande aquela roda-de-coco ainda contava com um pifeiro, mas este não veio morar em Catolé de Boa Vista.

Dos instrumentos, pelo menos a zabumba e a caixa eram produzidos por Benedito Eleotério.

Não havia uma periodicidade certa para a família de Benedito organizar as rodas-de-coco, mas normalmente elas ocorriam de quinze em quinze dias, ou com intervalos de três semanas. Para essas rodas, como já falamos, iam várias pessoas das vizinhanças.

Segundo João Benedito e de acordo com as conversas que este escutou em casa e na vizinhança durante sua infância e juventude, sua família teria trazido pela primeira vez o coco para a zona rural de Campina Grande. O mais provável é o fato de que, quando chegaram em

Catolé de Boa Vista, nesse local não existia manifestações artístico-culturais relacionadas direta ou indiretamente ao coco. Difícil será obtermos provas históricas para afirmarmos que antes da família de Benedito nunca tenha existido coco no local referido.

3.2. Do nascimento ao início da juventude

Foi no local conhecido como sitio/fazenda Juá que João Benedito Marques nasceu em 1938.

Nascido no seio de uma família parca em recursos financeiros e posses materiais, Benedito, o filho, desde cedo teve contato com vários estilos de música e dança. Cresceu em meio a rimas, ritmos e passos. Via e escutava seu pai, mãe, tios e primos, praticarem (ou brincarem, como era mais popular na época) o coco. Confessa que quando nasceu, “*esse coco já vinha rolando a muito tempo*”. Quem participava dele, além da vizinhança, dos seus irmãos e pais, “*(...) era sobrinho dele, era irmão, era, cunhada, a minha, a minha tia, cunhada dele era duas tias, tia Mãezinha, tia Santina, ti, ti Sartaro(?), ti Manoel Benedito.*” (B. do R., 07-mar-2011). Registramos ainda os primos Antonio Joaquim, José Joaquim, Luís Joaquim, José e a tia Maria Viúva.

Nossa fonte afirma lembrar que com menos de dez anos de idade já dançava coco; possivelmente fazia isso mesmo antes dessa idade. Acreditamos que em várias ocasiões, ainda bebê nos braços dos seus pais, pôde ter participado de dentro das rodas-de-coco.

Foi nesse meio que nasceu e cresceu.

Dessas épocas lembra também de músicas que seu pai cantava. Aliás, descobrimos que algumas músicas que João Benedito compôs e depois gravou em seus CDs tem alguma relação com seus tempos de infância, ou seja, foram baseadas em suas lembranças.

Nos dias de hoje, esse processo de composição com base em lembranças se dá de algumas formas: Benedito do Rojão recorda trechos de músicas cantadas principalmente por seu pai, e então complementa a letra e cria uma nova música; ou recorda de momentos, personagens e paisagens de sua vida, e a partir dessas recordações escreve; constrói nas músicas homenagens aos parentes, principalmente o pai. Assim diz: “*fiz uma letra homenagem a... bandeira de forró que eu falo do meu pai. Que Goiana. Bandeira do forró fala em Goiana, é terra do meu pai. Que diz [inicia a cantar]: `Catolé em Boa Vista, a minha lembrança vai. Voltei pra... Voltei pra mostrar o coco, a lembrança do meu pai.*” (B. do R., 22-mar-2011)(**grifo nosso**)

Essas lembranças dos anos de menino e rapazote de João Benedito (década de 1940), eternizadas em documentos históricos (letra da música, gravações em áudio), nos ajudam a montar e recontar certos contextos.

Através de algumas músicas obtemos informações sobre o transporte feito em carros de boi que transportava algodão e outros produtos nas redondezas do local onde morava. Cruzamos essas informações com outras fontes históricas, e ficamos sabendo que as redondezas da fazenda Juá eram uma região de considerável produção algodoeira. Várias rotas para transporte do “ouro branco” (como o algodão era chamado) também existiam próximas e até cruzando o distrito de Catolé de Boa Vista. Das fazendas para a cidade, das pequenas cidades para Campina Grande, daí para o Brasil e o mundo, esse era o percurso do algodão.

Outras músicas de Benedito do Rojão que foram produzidas em processos de memorização foram: Senhor de engenho, Benedito no coco, “nascendo o dia”. Em verdade, “Benedito no Coco” é mais do que uma lembrança, é uma música em homenagem ao pai, Benedito Eleotério.

Todas essas músicas são confissões de saudade.

Já sabemos que, no que diz respeito as artes, as influências iniciais de Benedito do Rojão podem ser encontradas em sua família. Ele foi crescendo e se habituando principalmente ao coco. Segundo o que confessou em um dos depoimentos: *“pra mim era a melhor música do mundo”*.

Além dos momentos habituais em que a roda-de-coco da sua família se encontrava,

Todo ano era uma festa de São João que ela fazia, ai o coco cumia no centro. Era. Ai era muita gente mesmo porque vinha gente de todo canto. Daquele, daquele município alí ai todo mundo. Casa grande. A fogueira muito bonita. Ai era bom demais. Manhecia o dia, no outro dia todo mundo ia simbora todo ressacado, com sono. (B. do R., 22-mar-2011)

Depois de um tempo, a família se muda do sítio Juá para a sede do distrito de Catolé de Boa Vista; menos o pai, pois este já havia falecido.

Nesse novo local de moradia João Benedito passou a conhecer novas pessoas, passou a adquirir novos conhecimentos.

No sítio Juá nunca tinha entrado em sala de aula, mas agora no pequeno aglomerado urbano passou a freqüentar aulas em uma modesta escola.

Uma das pessoas com quem teve contato nos anos seguintes foi José Amaro de Melo. Com esse, aprendeu a ler e escrever. Foi seu “*professor de letra*”.

Ai quando José Amaro de Melo começou me ensinar a ler, ele tinha um violão. Mas eu também não sabia que eu, quando vim de lá do sítio, quando eu vim de lá do sítio ei quando eu cheguei no Catolé, que era um arruadozinho, ai eu entrei numa escola que eu nem queria ler que eu sei que eu ia me criar analfabeto de tudo. Porque lá onde eu morava não tinha escola. Que era num sítio, numa fazenda. Pai só se interessava a correr atrás do gado, a pegar boi, e essas coisas. B. do R., 22-mar-2011)

Além de professor, José Amaro também tocava violão e era conhecedor do pandeiro. Junto com ele, Cícero Idalino tocava sanfona de oito baixos.

José Amaro foi uma das influências na música de Benedito. Foi com ele que, provavelmente, aprendeu a tocar pandeiro. Benedito reconhece em José Amaro um dos seus maiores incentivadores. “*(...)foi que ele um dia foi tocar num forró e me chamou. Ai eu não sabia de nada fui acompanhando né. Ai tinha um caba que batia no pandeiro e eu só olhando. Eu fui assistindo o forró.*” (B. do R., 22-mar-2011)

Essas primeiras influências foram marcantes na vida de João Benedito. Foi a partir dos seus familiares, primeiramente, e depois quando conheceu José Amaro que teve contato com a música. É importante lembrar que nesse período não existia rádio na região.

Tempos depois, um sanfoneiro de oito baixos chamado Severino Biró teria saído de Campina Grande e ido até Catolé de Boa Vista tocar um forró no sítio.

Benedito foi nesse forró e escutou Severino Biró tocar. Em um dos intervalos da festa, quando os tocadores paravam para descansar, dar uma voltinha e molhar a garganta, pegou no pandeiro e começou a tocar um pouco. Retornando, Biró viu a cena e logo se interessou pela destreza do menino:

Quando ele voltou ai disse: “*Você toca isso?*” Eu digo: “*Não eu não toco não, mas se o senhor quiser tocar uma parte ai pra mim experimentar se eu toco ai eu vou ver se toco.*” Ei ele tocou. Ai eu acompanhei no ritmo que ele tocou né. Até uma marchinha. Ai ele: “*Ah rapaz. Você é bom. Eu gostei. Você é um menino novo mas pode até... dá pra gente entender o negócio. Você quer viajar comigo?*” Eu digo: “*Não que eu, minha mãe não deixa não.*” Ele disse: “*Sua mãe mora aonde?*” Eu digo: “*Mora ali numa ruinha, Catolé.*” “*Ah, eu vou lá pedir a ela.*” Ai ele foi disse: “*Dona Regina, eu queria que você deixasse esse menino dar uma viajadinha comigo que eu já sei que esse menino... parece que ele vai dar pra uma coisa na música.*” E eu queria. “*Não, não deixo não.*” E foi em cima, foi em baixo. Até que ela autorizou. (B. do R., 22-mar-2011)

Foi dessa forma que, ainda por volta dos 13 anos de idade, começou sua carreira artística. Podemos dizer que Severino Biró foi quem “descobriu” Benedito e o lançou “para o mundo”.

A partir daí Benedito começou a viajar e tocar em festas.

O primeiro instrumento que tocou regularmente no grupo de Biró foi uma espécie de chocalho chamado caracaxá. Depois veio o melê, um instrumento de percussão. O grupo já tinha seu tocador de pandeiro, só mais futuramente é que Benedito assumiria o posto de pandeirista.

Viajava para tocar em diversas cidades, depois retornava para casa em Catolé de Boa Vista. E assim passou um bom tempo; continuou morando em Catolé, mas com frequência viajava para tocar.

3.3. Benedito ganha o mundo

Foi tocando que Benedito conheceu o mundo para além de Catolé de Boa Vista. Viajou bastante para animar casamentos, forrós nos sítios e outros tipos de festa. Quando ainda muito jovem, viajava para tocar e depois retornava para a casa da sua mãe, onde morava.

Muitas vezes faziam essas viagens a pé. Severino Biró saía de Campina Grande, as vezes a pé e as vezes em outros meios, passava por Catolé de Boa Vista, pegava Benedito e então prosseguiam caminhando pelos caminhos rurais até seus destinos. Muitas vezes tiveram que sair no dia anterior da festa, andar longas horas até chegar ao local, dormiam por lá para poder tocar no outro dia. Muitas vezes se fossem deixar para sair de casa no dia da festa, não chegariam a tempo.

Quando a festa era em cidade mais distante, andavam horas até alguma estrada de maior movimentação e aí esperavam uma carona, normalmente dada por caminhoneiros. Um dos locais para onde iam com regularidade pegar carona era onde hoje se situa a atual “*Praça do Meio do Mundo*”, no entroncamento da BR 230 com a BR 412, entre os municípios de Pocinhos e Boa Vista. A área onde se situa essa praça, na época de Benedito, era conhecida como Farinha, “*sítio da Farinha*”, e dista mais de 10 km de Catolé de Boa Vista, via caminhos de terras rurais.

Andou por “todo canto”, tocando em casamento, aniversário, “fórró sem ser casamento”, batizado, em período do São João, Carnaval. Tocou em Boa Vista de Santa Rosa, Queimadas, Soledade, Cubati, para os lados do Seridó e Cariri e muitos outros locais.

Essas andanças também incluíam como destino Campina Grande. Conheceu e passou a ir frequentemente para essa cidade, onde mais tarde foi morar em definitivo, em meados da década de 50.

Nessa época lembra que começou a escutar rádio: *“Eu, eu num.... eu morava numa região que ninguém escutava rádio não. Nem rádio e nem sanfoneiro, nem nada. Ninguém escutava nada disso. Quando eu passei a viajar pelo mundo com o sanfoneiro foi que aí fui descobrindo e ouvindo música.”* (B. do R., 15-abril-2011)

Durante uma de suas passagens por Campina, Benedito teria conhecido Jackson do Pandeiro. A ocasião em que se conheceram é lembrada por Benedito:

A primeira vez que eu conheci Jackson eu, eu toquei, era num dia de sábado, isso já foi em cinquenta... em cinquenta... 54. 54 eu comecei a conhecer ele. Eu toquei mais um cara e vim de lá da região que eu toquei... (...) São Vicente do Seridó. Seridó. Ai vim, quando eu cheguei aqui em Campina, ai eu fui na feira. Que eu não sabia direito nem onde era a feita. Ai o cara me levou. Quando eu cheguei lá era um lugar que tinha muito fórró rapaz. De dia. Dia de sábado. Tinha fórró, tinha uns cinco fórró de lá. Ai ele, e eu não conhecia ele não. Ai quando eu entrei no fórró, ai chegou aquele moreninho, baixinho, cum pandeiro. Ai batendo pandeiro e eu olhando. Ai eu fiquei olhando. Passei um bocado de tempo ele to... eu não toquei nada que eu tocava mais esse caba mas eu não toquei nesse dia. E ele tocando ai depois saiu. Eu fiquei pelo fórró olhando. Ai fui me imbora, voltei pra casa que era ali na liberdade. Ai cum, quando eu vim ver ele outra vez foi com bem um mês e quinze dia ou mais. Que eu só vivia tocando no Siridó né. Ai com bem um mês e quinze dias ou não sei quanto, ai foi que eu fui de novo, outra vez, lá na Rua Manoel Pereira de Araújo, na feira. Ai encontrei com ele de novo que ele só vivia ali mesmo. Ele só vivia... Ele morava pertinho, ali em Zé Pinheiro e ele só vivia lá que lá tinha muito negócio de tocar, tinha fórró de dia, tinha bem uns cinco canto de tocar, pra o povo tocar, pra as mulher dançando, de dia, era muita gente na feira. Ai eu comecei, ai dessa vez eu peguei no pandeiro e ele me chamou: “ei, vamo tomar um negocinho ali” Eu digo: “bora”. Ai ele só vivia bebendo, ele gostava... O lema dele era beber. (...) Ele num gravava nada. Nesse tempo ele não gravava nada. Nesse tempo ele só fazia beber cana e bater pandeiro, ele. E eu também. (B. do R., 15-abril-2011)

Nesses parágrafos conta como conheceu Jackson do Pandeiro. Em outras ocasiões os dois voltaram a ter contato novamente.

Nesse ponto de nossa narrativa é importante fazermos algumas considerações, pois essa passagem da vida de Benedito é tema de certa polêmica no estado da Paraíba. Muitas são as pessoas que não acreditam que Benedito tenha, por exemplo, composto músicas que posteriormente foram gravadas por Jackson (fato este que iremos narrar nos próximos tópicos). Alguns nem sequer acreditam que Benedito tenha conhecido Jackson.

A mídia por sua vez dá como certo esse relacionamento; em momento algum encontramos falas e textos de jornais afirmando que Benedito poderia não ter tido uma parceria com Jackson. Como é da característica do texto jornalístico, o que é afirmado por alguém quase sempre é dado como certo, pois a despeito do pretense “jornalismo verdade”, o importante é ter notícia, independentemente da problematização dessa notícia.

No livro “Jackson do Pandeiro – o rei do ritmo”, trabalho de pesquisa mais abrangente já feito sobre Jackson, não encontramos nenhuma referência a João Benedito; em nenhuma música registrada por Jackson consta o nome de Benedito.

Descobrimos nesse livro que existe um debate sobre as composições de Jackson do Pandeiro: músicas que estão no seu nome na verdade podem ter sido escritas por outras pessoas e também algumas músicas que foram registradas com o nome da sua esposa, Almira Castilho, igualmente podem ter outros autores.

Polêmica a parte, o que nos interessa saber dessa questão é que era possível Jackson ter gravado músicas de Benedito e não ter-lhe dado crédito. E, segundo Benedito, foi o que ocorreu.

Jackson, nascido em 1919, era 19 anos mais velho do que João Benedito, nascido em 1938. Diferença até que razoável dentro do período de uma vida.

Sobre essa diferença de quase duas décadas entre o nascimento de um e do outro, a grande questão é que Benedito afirma que saiu pela primeira vez da sede do distrito de Catolé de Boa Vista quando tinha por volta dos seus 13 anos de idade, ou seja, mais ou menos no ano de 1951. Nessa ocasião saiu de casa para tocar com o sanfoneiro Biró, fato já narrado por nós. Podemos considerar treze anos como uma idade precoce, mesmo para a época, para uma criança “se danar no meio do mundo”, principalmente para trabalhar com música.

Em Campina Grande, Benedito conta que só veio depois de um tempo, uns dois anos após o início de suas primeiras andanças, ou seja, mais ou menos por volta de 1953-1954.

Por sua vez, José Gomes Filho (o futuro Jackson) chegou em Campina em 1930 e deixou a cidade em 1948. Nesse ano foi para João Pessoa, ficando lá até quando foi morar em Recife.

A questão aqui sobre essa relação entre os dois personagens é que, quando Benedito sai pela primeira vez de Catolé de Boa Vista, Jackson já morava em João Pessoa ou talvez mesmo em Recife.

Não podemos afirmar que Benedito está equivocado ou muito menos mentindo. Ele pode simplesmente estar construindo uma narrativa segundo sua visão particular, envolvendo e misturando tempos diversos numa mesma linha de acontecimentos. A memória é, por assim dizer, bastante imprecisa.

Deixemos Jackson do Pandeiro um pouco de lado e voltemos agora para os fatos ocorridos com Benedito após ter se instalado definitivamente em Campina Grande. Independentemente da precisão nas datas registradas, o fato é que a mudança para essa cidade gerou muitas repercussões em sua vida.

3.4. Nos tempos do rádio e outras histórias

Mesmo em Campina Grande, morando na casa de Biró a princípio, Benedito continuava tocando forró e fazendo suas andanças. Ainda usava muito os pés como meio de transporte, mas com o tempo e a popularização dos veículos, ficou mais fácil até mesmo as caronas e as viagens pagas.

Cansei de sair pra tocar um forró como daqui em Queimadas de pés. Que o casamento era amanhã e eu tinha que chegar na casa do caba hoje, porque se eu fosse, se eu fosse sair daqui pá ir tocar lá no Cariri, num chegava lá era no fim, já tinha, já tinha no fim do baile. Do casamento. Tinha que sair hoje pá chegar amanhã. Pá dormir lá... era, pá dormir lá pá quando chegar, no outro dia tocar. Que num tinha moto, num tinha carro. O carro era, a gente saia daqui de Campina em cima de um caminhão, saltava lá de Soledade prá lá, pra entrar pro lado aonde a gente ia tocar. (...) Em 60 já foi melhorando, já tinha mais conhecimento. Já tinha ônibus. Só tinha um ônibus aqui que vinha, trazia o povo de Cajazeiras, era a “Andorinha”. (B. do R., 15-abr-2011)

No grupo do sanfoneiro Biró, onde poderíamos dizer que Benedito começou sua carreira, inicialmente não existia cantor. O estilo musical do grupo era esse mesmo, sem voz (ou vocais), apenas instrumental.

Eu, eu tocava com um sanfoneiro de oito baixos que ele não tocava música cantada não, era tudo solando. Eu, eu passei, no período que eu comecei a tocar com ele, eu passei uma base assim de dois anos sem cantar nada. Porque eu não sabia. (...) Num tinha vocalista. Era pandeiro, melê que era um instrumento de pau com uma borracha, ai eu comecei batendo melê. Mas que ele tocava música sem cantar. Era umas música que tocava forró e o povo gostava, mas que ninguém cantava, não tinha vocalista. Nem eu era e nem o cara que batia pandeiro era. Cantava nada. Era choro, umas músicas soladas, tocando sem ninguém cantar. (...) Forró! O pé-de-serra legítimo. Aí, foi daí que comecei viajando, andando e eu muito inteligente, ai comecei escutar e as músicas de antigamente eu aprendia a música não era ouvindo o disco, era os boletim que tinha, os papezinhos feito umas músicas escrita, ditilógra. Era o papelzinho que o cara arranjava. Vendia.(...) Se chamava boletim. (...). Adepós que começou o rádio, começou a aparecer som, ah, ai já foi um negócio mais fácil pro caba aprender. (B. do R., 15-abr-2011)

Segundo Benedito, depois de dois anos mais ou menos tocando com Biró, ele mesmo foi quem introduziu o vocal na banda de Severino Biró:

O primeiro momento foi que eu aprendi a primeira música de Marinés, *Peba na Pimenta*, ai eu aprendi *Peba na Pimenta* **[inicia a cantar]**: “*Seu Malaquia / Ahh... Ahh... Tá... Peba na Pimenta*”. Eu, eu ensinei a ale. Ai ele aprendeu. (...) “Tem uma música aqui que eu aprendi, vamos ver como é.” Ai eu em casa, na casa dele, eu mais ele que eu morava na casa dele mesmo, ai eu, ele disse: “como é?”. Eu digo: “Vamos aprende... é um xote, vamo!”. Aí ele pegou o tom e pegou o ritmo ai “pronto, aprendi”. Ai ele aprendeu. Quando eu comecei, quando eu ia cantar num forró eu cantava. (...) Deu certo demais! (B. do R., 15-abr-2011) **(grifo nosso)**

Mesmo com o vocal introduzido, o grupo de Biró continuou com o forró (que também chamavam samba) somente instrumental. Nas festas, Benedito às vezes era chamado pra cantar duas ou três músicas. Assim se apresentaram em Sussego, Cubati, Soledade, Olivedos, Pedra Lavrada, “Juazerin”. Benedito afirma que foi ele, nesse período, quem mais cantou em festas nas regiões do Cariri e Seridó.

Outro grupo que fazia sucesso nesse período e regiões era o de Diomédio, no mesmo estilo, sem vocal. “Na faixa” de 1958-1960.

Por isso, “*muitos sanfoneiros aqui era doído pra tocar comigo porque num tinha quem cantasse.*”(B. do R., 15-abr-2011)

Pelo que nos contou sobre esses tempos. Benedito também passou a freqüentar a feira central de Campina Grande com mais freqüência. Nesse período, certamente esse local era cenário para emboladores de coco, tocadores de pandeiro, cantadores de forró e para muitas

outras expressões artísticas e culturais que marcavam principalmente os dias de maior movimentação no comércio.

Outra novidade marcante na sua vida foi que, diferente dos seus tempos de infância na zona rural e no distrito de Catolé de Boa Vista, morando em Campina Grande, passou a ter acesso freqüente ao rádio. Escutava rádio e ampliava seu leque de influências.

Conhecia, portanto, os programas da rádio, e havia um na rádio Borborema que contava com concurso de calouros. Os calouros tocavam, cantavam e eram transmitidos ao vivo, em uma disputa para ver quem era o melhor do dia. Era o *Domingo Alegre*. O concurso de calouros do Domingo Alegre era feito no auditório da rádio e tinha até direito a gravações que eram reproduzidas de acordo com o roteiro do programa e do desempenho dos concorrentes: quem se saísse bem receberia aplausos, mas aquele que se saísse mal iria escutar muitas vaias.

Todo o contexto influenciava Benedito.

Muito tempo depois de ter “tirado sua primeira festa”, após ter passado anos animando festas nos mais diversos lugares da Paraíba e chegando até mesmo ao Rio Grande de Norte, no ano em que completou 20 anos de idade, a vida de Benedito foi marcada por uma decisão que gerou inúmeros desdobramentos: em 1958 teve a idéia de se apresentar no programa Domingo Alegre, participando como calouro.

Se dirigiu até a sede da rádio. Aí foi como ele mesmo narrou:

(...) eu cheguei na rádio Borborema, perguntei: “Quem é o dirigente aqui do programa Domingo Alegre?” Ai um cara disse: “Rapaiz é um locutor que tem esse programa”. Eu digo: “Como é o nome?” Ele disse: “É Pinto Lopes. É um locutor pernambucano”. “Eu quero falar com ele”. Ai ele me amostrou, apresentou ele. Eu pedi a ele pra cantar. Ele disse: “Você canta o quê?” Eu digo: “Eu canto rojão. Baião. Marcha. Samba.” Ai ele disse: “Rapaiz eu vou, eu vou fazer o seguinte: eu vou botar você pra ensaiar na sexta-feira, no domingo você canta.” Ai eu ensaiei na sexta. No domingo que era o programa de uma hora da tarde, domingo alegre, eu cantei. No primeiro domingo que eu cantei, cantei duas músicas. Ai comecei cantando, cantando de calouro, no programa de calouro. (B. do R., 15-mar-2011)

.

Continuando sobre essa mesma história:

Quando eu fui cantar foi de calouro. Ai eu ganhei, fiquei mais um cara. Passemos mais de um mês nós dois disputando... nem ele ganhava nem eu, no primeiro lugar. Primeiro e primeiro. Primeiro e primeiro. Primeiro lugar. Primeiro lugar. Empatamos. Muitas vezes empatando. Ai depois ele tirou eu, disse: “Você vai cantar sem ser de calouro. Você não precisa cantar de calouro não”. (B. do R., 15-mar-2011)

Chegou como calouro e logo chamou atenção da rádio. Como calouro cantou sozinho, acompanhado pelo pandeiro e também com o conjunto da rádio. Foi logo convidado a integrar o próprio conjunto da rádio Borborema, começando também a ser patrocinado pela Casa Santa Sofia, ganhando quinze cruzeiros por mês.

(...) cantei na rádio Borborema dois anos no conjunto, no conjunto da rádio Borborema, que era programa de calouro, era muita gente cantando, tinha umas oito pessoas. Cada um cantava uma música ou duas. (...) Ai surgiu um programa pra mim de novo que era Cidade se Diverte na merma emissora, merma rádio, agora que mudou o nome. (...) Era programa rádio Borborema, Domingo Alegre que eu cantava no domingo e na Cidade se Diverte era na quarta-feira. Eu cantei dois anos, mas ai quando eu... esse período de dois anos, ai veio Rossil “rapaiz, mas você tá cantando ai eu tô ouvindo ai, tá bom danado esse negócio, você não vai mais cantar em rádio não, você vai tocar no meu conjunto. Bora?”, “é”. Eu ganhava... num era da rádio, a rádio... uma casa de negócio fez um patrocínio pra mim de quinze cruzeiros por mês. Eu ganhava quinze cruzeiros por mês, mas sem ser de rádio, era da casa, a casa pagava né, pra falar no nome dela. E realmente que o programa a Casa Santa Sofia quem anunciava era o locutor: “Casa Santa Sofia num sei o quê”. Mas só anunciava quando era pra eu cantar. Ai cantava fulano, cantava cicrano. Quando chegava a minha vez ai ele dizia: “ai vem João Marques apatrocinado pela Casa Santa Sofia não sei o quê.” (...) Era eu cantando pandeiro no conjunto. Piano. Clarinete. Bateria. Violão. E o cantador. Ai eu cantei dois anos ai Rossil ouviu ai disse: “Você num vai mais tocar na rádio Borborema não. Você vai tocar no meu conjunto.” (B. do R., 07-mar-2011)

O programa “Domingo Alegre”, cujo locutor era Pinto Lopes, foi sua porta de entrada na rádio. Passou a integrar a banda da casa. O conjunto tocava e seus integrantes se revezavam cantando. Cada um cantava uma ou duas músicas, inclusive Benedito.

Quando ia cantar no Programa Domingo Alegre o locutor chamava por “João Marques”, como era conhecido no rádio. Assim recebeu seu primeiro nome artístico: “(...) o locutor disse: *É muito comprido, João Benedito Marques. É comprido. Tem que botar João Marques um nome curto pra falar no rádio.*” (B. do R., em 22-mar-2011)

Depois começou a participar também do programa “Cidade se diverte” que era transmitido nas quartas-feiras.

Ao todo, parece que trabalhou na rádio por dois anos.

Na Rádio Borborema a vida de Benedito tomou rumos diferentes. Passou a conhecer um número maior de pessoas relacionadas com a música; profissionais da música e do rádio. Como diz Benedito, “*na rádio eu peguei um nomezinho até bom né.*”

Foi na rádio que conheceu Rossil Cavalcante que vendo e escutando Benedito cantar nos programas, acabou chamando-o para tocar em seu conjunto. Tocou com Rossil durante por volta de um ano e meio até (não chegou a dois) dois anos. Com Rossil, continuou inclusive tocando na rádio, nos programas que este tinha nas quintas-feiras.

Fiquei na rádio de 66, não de 50... 61, 62... fiquei um ano e oito meses mais ou menos. (...) Desde de 58 que era ... 61... Quando eu comecei cantar com Rossil ai sai da Borborema. Fiquei no conjunto dele mas cantando na Borborema mesmo que ele tinha o programa dele na Borborema ao vivo na quinta-feira. E depois eu cantei, cantei, cantei, cantei, cantei (...) (B. do R., 22-mar-2011)

Muitas histórias estavam sendo vivenciadas por Benedito. Não conseguiremos e nem pretendemos colocar todos esses momentos dentro de um padrão exato de cronologia. Narrando uma história de vida, a cronologia não é precisa. Os acontecimentos seguem em seu sentido próprio...

Por essas épocas se passaram alguns fatos marcantes da nossa narrativa.

Um das mais famosas músicas de Rossil Cavalcanti se chama “Forró na Gafieira”!

Benedito afirmou em entrevista que foi ele quem fez a letra dessa música. Deixamos a explicação com ele mesmo e relegamos para o futuro investigação mais profunda sobre o problema.

Rossil foi quem gravou e a música ficou, Rossil tomou conta da música, gravou como dele... que a letra dele. (...) Era “Forró na Gafieira”. **[inicia a cantar]** *“Fui ver em uma gafieira / Que fica em Jacarepaguá / Gostei daquela brincadeira e a semana inteira eu fiquei por lá / Um moreno disse “venha cá, entre na dança que a casa é minha” / Pegou logo uma escurinha e dançou bafo de coco que foi um juá.”* Isso aí a letra é minha. Mas Rossil viu, ai disse: *“rapaz eu vou... que música bonita... boinha João...”* E eu tocava no conjunto dele. “Ah. Essa música é boinha, me dá pra eu ajeitar ela e coisa e tal e vou mandar gravar”. Mas ele mandou gravar como que a letra fosse dele. Eu quando eu vi a letra, achei bonita eu digo: “ohh, beleza, a minha letra”. Mas a... eu fiquei contente mas não tinha vantagem que ele botou pra ele. Eu tocava no conjunto dele, nem eu fui atrás e nada. E a música eu não posso dizer que é minha mais, que tá como ele, como dele. Se eu disser que é minha o povo diz: “mentira, que é de Rossil, oh a letra aqui”. Mas ai, ai ele pegou a garapa olhe aí. E, e isso ele também fez com um amigo meu. Isso ele fez com um amigo meu, isso ele fez com um amigo meu. E... fez um forró nós gravemos, um jinga. Umas, umas popraganda de, de, do Clube do Caçador. Um jinga que era um, era um, era um, um, um bingo. Ai ele fez uma letra, eu gravei. A letra ele mesmo fez, “Um Bingo”. Fez a letra **[inicia a cantar]**: “Um bringo nos caçador e banãñã”. O negócio... Ele fez isso ai eu... ele disse: “é pra você gravar, fui

eu quem fiz a letra eu vou, é ‘Um Bingo’”. Ai ele fez “Um Bingo”. Eu gravei a letra. A letra. E a música não é não. A música não é minha nem dele. Mas eu gravei só a letra, po bingo. Ai quando eu gravei isso ai ele, quando a gente terminemo de gravar ele disse: “oh! Ramo... você não tem aí...” O sanfoneiro, era outro caba, no fole... “você não tem um (?), um negocinho, uma musicazinha aí que toque só pá compor aí pá encher a fita, você não tem um...”. Aí o caba disse: “Eu tenho um forrozinho aqui.”. Ele disse: “É seu?” Ele disse: “Ééé” “Apoi toque pá...” Ai ele tocou e gravou. Quando eu dei fé, no outro ano apareceu uma música gravada por Zé Abdias. De Abdias... de Rossil gravada por Abdias. (...) **(Mas,)** A primeira mermo que eu... foi a do time. (...) Eu... eu escrevi... eu escrevi... em 59, em 59. Eu escrevi ela em 59 e ficou. Que o jogo foi em 59. Aí eu em 59 mesmo, no outro dia eu fiz a letra em casa. Ai fiz a letra e deixou... Ai quando eu vim gravar foi... quando ele fez esse negócio. (B. do R., 15-abr-2011) **(grifo nosso)**

Além da afirmação que foi autor da bela música “Forró na Gafieira”, e entre outras informações da citação anterior, descobrimos que Benedito emprestou sua voz para gravar uma música por ele chamada “Um bingo”. Gravada junto com o conjunto de Rossil, seria música para um bingo que ocorreria no Clube dos Caçadores. No final da gravação de “Um bingo”, Rossil teria pedido a “Ramo” (sanfona ou fole?) um forró “*pá encher a fita*”; no outro ano essa música teria sido gravada por Abdias do Acordeon, com letra registrada de Rossil.

Para entender a fala “*A primeira mermo que eu... foi a do time*”, temos que nos remeter a Massaranduba/PB, onde Benedito foi morar por volta de 1960. Foi trabalhar na padaria de Sebastião Lins, mais conhecido como “Sebastião Padeiro”. Chegou em Massaranduba e namorou com a sobrinha do dono da padaria, Nair, com que noivou e se casou pela primeira vez, vivendo em torno de três anos juntos.

Não ficou claro para nós, mas ao que parece Nair Lins teria ouvido Benedito cantar na rádio, se interessado, e ido atrás dele. Nesse momento Benedito ainda deveria viver em Campina, enquanto que Nair vivia em Massaranduba. Essa pode ter sido a ponte que ligou Benedito com Massaranduba e a padaria de Sebastião Lins

Na casa de Sebastião, Benedito escutava muita música em uma radiola. “*E ele tinha uma radiola dessa que muia, de corda. Ele tinha uma radiola de corda. Ai... ele... tinha um disco de Jackson. Tinha um de Marinés e tinha um de Luiz Gonzaga. Adipois foi que eu comecei a conhecer outros LPs de Jackson.*” (B. do R., 15-abr-2011). E nesse tempo poucas pessoas tinham condições de ter uma radiola em casa. Ao contrário, a rádio tinha uma abrangência muito maior.

Em Massaranduba Benedito gostava de jogar e olhar um futebol. Também gostava de tomar umas “caninhas”.

Foi na ocasião de uma “pelada” que teve inspiração para compor uma música:

Eu vim começar a compor, eu vim começar a compor eu tinha... eu já foi em... em... sessenta... 61, 62, 63. (...) Num tava mais na rádio não que eu tinha, me casei. (...) A letra, a primeira música que eu compus foi, foi uma música, um samba que eu fiz numa, numa, num jogo de futebol. Mas ai foi assim mesmo, eu gravei num disco, num LP ainda grosso daquele grande, pesado que eu gravei só uma música, o resto ficou tudo... (...) Eu gravei aqui na Borborema. (...) Quem gravou foi Rossil. A música era, era... a música era o seguinte: era um jogo de futebol que eu fui e cheguei lá, bebi umas cana, me embebedei, ai teve uma briga lá com um bocado de cara e eu entrei no meio, e foi uma zuada da porra **[pequena risada]** ai o cara... eu no outro dia compus uma música. É “Briga em Campinote”. O título da música! **[inicia a cantar]** “Fui jogar uma pelada lá em Campinote / Eu tive muita sorte porque num morri”. Ai era... Terminei butando o dono da padaria que eu trabalhava na música, e butei a relação do time todinho, a relação... o time, eu butei, eu butei o time todinho, falei no nome do presidente do time, falei no nome do, do... do povo do time, de jogador, de goleiro, de tudo. Até que eu esqueci essa música né. (...) Foi em sessenta e... e dois. (B. do R., 15-abr-2011) **(grifo nosso)**

Esse LP onde Benedito gravou a música “Briga em Campinote” ficou com Sebastião Padeiro, que tinha a radiola, era dono da padaria onde trabalhava Benedito, tio da sua esposa e, além disso, era também presidente desse time de Massaranduba que foi jogar em Campinote quando ocorreu a briga narrada. Todo mundo que escutou a música em Massaranduba achou muito boa, pois falava da cidade, do time, dos nomes dos jogadores.

Sobre a gravação dessa música, Benedito lembra que pediu a Rossil:

Eu disse: “eu tenho uma música pra gravar”. Ai ele disse: “como é?” Ai eu cantei. Ele disse: “tu vai gravar?”. Eu digo: “vou, eu queria que o senhor gravasse pra mim”. Ai ele chamou sanfoneiro, zabumbeiro, um triângulo, e chegou lá na rádio Borborema no estúdio, tem lá um, um estúdio, ai ele, ai gravou. Também só uma música. Ai ficou o resto tudo sem gravar, um lado e o outro que o LP tem os dois lados; eu não tinha nada pra gravar do outro lado nem... Só gravei essa, pra o povo lá de Massaranduba ouvir. (B. do R., 15-abr-2011)

Não faltaram aqueles que incentivassem Benedito para que gravasse um LP. Rossil mesmo, “*ele pelejou pra eu ir gravar no Rio “Home. Vá simhora pro Rio. Vá simhora pro Rio. Pra você gravar”*. Mas eu solteiro, pensando que eu cantando na rádio aí eu subia.” (B. do R., 22-mar-2011)

Ari Lobo foi outro. Vez por outra ai para Campina Grande se apresentar no auditório da rádio Borborema e nessas idas e vindas os dois se conheceram. Ari Lobo também passou a incentivar para que fosse gravar no Rio de Janeiro. Chegaram a ir juntos ao aeroporto, mas de última hora Benedito desistiu da viagem.

Durante nossas pesquisas, encontramos alguns textos de divulgação do trabalho de Benedito (nos encartes de CDs, releases de imprensa) dizendo que Ari Lobo teria chamado Benedito de “o gênio do ritmo”. Inquerimos Benedito sobre isso, mas não respondeu se Ari Lobo teria ou não dito isso se referindo a ele. Pelo que entendemos de sua resposta, possivelmente esse termo foi criado no momento de sua “redescoberta” (item 3.7 desta monografia). Essa é mais uma das passagens que merece pesquisa mais aprofundada no futuro!

Outra polêmica na vida de Benedito ocorreu mais ou menos nesse tempo: ele teria composto a música “Santo Antônio” que foi vendida a Jackson do Pandeiro. Diz Benedito que por volta de 62, Jackson do Pandeiro foi fazer uma apresentação em Campina Grande e ficou hospedado no Grande Hotel, no apartamento 22. Nessa época Jackson já tinha despontado no cenário nacional da música.

Os dois se encontraram e foram até a Feira Central de Campina Grande, comer, beber e festejar.

Jackson chegou uma vez pra fazer um show aqui, uma época junina. (...) Ai foi que eu fiz uma letra “Santo Antônio”. Essa letra aí já foi muito pra cá. “Santo Antônio”. Já tinha gravado essa... Ai Rossil... Já foi uma letra que eu não tive também direitos autorais que não existia. Eu não sabia o que era direitos autorais. Gravei e dei a ele. Ele me deu trinta conto, reais, cruzeiro. (...) Eu fiz a letra e amostrei a ele. Eu digo: “(?) eu tenho a letra aqui, eu queria que tu me comprasse”. Ai ele disse: “Rapaz, eu na compro letra não, eu não compro música não. Eu gravo música de alguém quando e coisa e tal. Mas eu não gravo, não compro letra não”. “Mas me ajude que hoje você tá na boa, melhor do que eu, me ajude”. Ele me disse: “Como é a letra?” Ai eu, eu já tava com ela escrita, um papelzinho escrito já em empresa mesmo. Ele olhou ai eu disse: **[inicia a cantar]** Se Deus... como é? “Santo Antônio casa / São João batiza / Pra entrar no céu / São Pedro é que autoriza” Ai quando ele viu a letra todinha disse: “Mas rapaz, é boinha”. Ele não deu muita chance não. Ele não deu muita bacanagem não. Mas pá pegar a letra. Eu digo: “Me ajuda aí”. “Quanto é a letra?”. Eu digo: “Me dê 50 conto”. Ele disse: “Ah. Tá doido rapaiz! E outra que eu não compro” E foi butando uma dificuldade. Mas ele toda vida foi bacana ai disse: “Eu vou dar trinta conto nisso” Trinta cruzeiros. Eu digo: “Pois me dê”. Ora, que eu tava precisando mesmo. Ai ele me deu os trinta cruzeiros e levou a letra, quando chegou lá butou no dele. Não butou como minha não que... os direitos autorais... Eu nem liguei. Eu queria era pegar no dinheiro, eu sabia... Mas fez sucesso. (B. do R., 15-abr-2011) (**grifo nosso**)

Pesquisando a discografia de Jackson não encontramos nenhuma música assinada por Benedito. Também não encontramos nenhuma música intitulada “Santo Antônio”. Entretanto, encontramos a música “Três Pedidos” que fala dos três “santos”: Antônio, João e Pedro. Essa música tem letra e sentido similar a que Benedito afirma ter escrito.

Pelo cruzamento dos contextos de Benedito e Jackson dessa época, acreditamos que é possível que esse encontro entre os dois tenha ocorrido. Também nada anormal seria se Benedito tivesse escrito a letra de uma música e depois vendido para Jackson conforme narra. Mas de toda forma esse fato é igualmente merecer de investigações mais aprofundadas.

Entre essas histórias que se passavam na década de 60, Benedito também começou também a tocar viola.

Eu tinha uma base na viola mas não era muito... mas ai eu tinha uma inteligência na rima que eu via muito cantador cantar e eu prestando atenção aquilo né. Ai... pela rima. Eu sabia lê. Não podia, eu não podia rimar chegou com valor, nem mulher com José, nem, nem cantar com vá. Eu não podia rimar assim não. E eu tinha inteligência e eu dizia: “Cantar tem R, vá não tem R, como é que eu faço as três rimas. Vou agora cantar, improvisar e vá. Não pode. Tem que cantar, improvisar, sonhar, aboiar. Ai as três rimas positiva.” (...) Tinha noção. Já. Eu tinha noção porque eu via os outros cantar e eu... encaixar. Toda vida eu fui... (...) É, o coco. Agora o coco-de-embolada que tem, coco-de-embolada o caba canta de todo jeito. Ali não tem, ali não tem especialidade coco-de-embolada não. Você canta vá, cantar, chegar, vá. Não tem... tudo no mundo de coco-de-embolada termina no A. **[inicia a cantar]:** “*Eu vou cantar um coco no colégio da cidadã. E eu canto é com precisão. Preguiça de trabaia. Eu vou cantar um coco dizendo agora. Valeime nossa senhora o dia vai amanheçá*”. É coco-de-embolada, só diz isso, toda vez só termina no... o coco-de-embolada, o coco-de-roda é outro negócio. (...) A viola tem outro sentido, é outra classe. A viola tem que ser positiva. Rimar certo. A oração, você começar a cantar falando desse lápis, ai tem que você fazer, cantar tudinho dentro dessa origem aqui, sem cantar aqui falando no lápis e falando no jumento, falando no boi, não tá... a oração, a oração tá fora. (...) (B. do R., 22-mar-2011) **(grifo nosso)**

Foi por volta de 64 que ele adentrou nesse universo. Como falou, para quem já conhecia bem coco e outros ritmos, tocar viola não foi tão difícil. Acabou deixando outros estilos musicais e ficou só na viola.

Provavelmente nesse mesmo ano, em 64, separa-se de Nair sua primeira mulher, e aí ganha novamente o mundo.

Precisando arrumar dinheiro, vai parar na casa de um irmão que morava em Vertentes/PE. Nessa viagem, estando em Surubim/PE, conhece Cícero Soares. Formam parceria e juntos começam a viajar tocando viola.

Esse meu era um cara de Surubim. Eu viajei com ele. Viajei e toquei dois anos. (...) ai eu cantei com ele dois anos. Depois voltei... (...) Era Ciço Soares. Ele era de Surubim. (...). Ele já era cantador a muito tempo. Mais do que eu. Mais velho do que eu na profissão. Ele era mais novo do que eu na idade. E eu mais velho de que ele no conhecimento de, de música né. (...) Conheci ele em Surubim. Eu é que fui, peguei a viola e fui pro Pernambuco pra casa de um irmão meu. De lá encontrei com ele em Surubim, ai começemo a camaradagem e saimo junto. (...) Ele mais sabido do que eu, melhor do que eu, porque ele já era habituado na viola. E eu, meio cangueiro, mas com a voz boa, conhecimento, baião de viola bonito. Ali o povo pensava que eu era bem... ai depois foi que eu me aperfeiçoei mais né. (...) Fomos bater em Aracaju. Passei dois anos lá. (B. do R., em 22-mar-2011)

Cantaram juntos pelo Ceará, Pernambuco, Sergipe, Bahia, “Tabaiana”, Mogeiro, Surubim, Lagoa de Gato, Lagoa de Vaca, Frei Miguelinho, Vertentes, Taquaritinga, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe. Nessas andanças chegaram até Aracaju/SE.

Nessa cidade trabalharam por volta de dois anos, se apresentando com viola na Rádio Difusora de Aracaju.

3.5. Benedito na televisão

Ainda jovem, mas já tendo construído de certa forma uma carreira artística e conquistado muitas amizades, Benedito participou em 1966 da inauguração da TV Canal 9 em Campina Grande. Nessa ocasião ele teria cantado um improviso de 20 minutos com a viola, juntamente com um outro cantor que “*hoje mora no Rio*”, diferente do seu parceiro de Aracaju “*que ele ficou lá*”.

Voltando de Aracaju, Benedito se encontra novamente com Rossil Cavalcante que iria ser uma das atrações da emissora:

(...) sei que foi numa quinta-feira, eu num me lembro da data do dia né, agora o dia eu me lembro. Sim eu lembro a mim que me foi uma quinta-feira, oito horas da noite.(...) Eu tinha chegado de Aracaju. Eu cantava lá num programa, eu. Eu tinha chegado de Aracaju e ele me procurando. Soube que eu tinha chegado e me procurou. Ai disse: “eu queria que você fizesse parte do programa... programa na TV que eu vou inaugura e a gente vai e você vai ter que tá lá pra você cantar.” Eu digo: “certo”. Ai quando foi oito horas eu fui cantei. (B. do R., 07-mar-2011)

Infelizmente os rolos de imagem nos quais os programas da televisão Canal 09 eram gravados, foram posteriormente reutilizados para outras gravações. Isso era prática comum nessa emissora durante vários anos.

É possível que ainda exista alguma cópia das gravações da inauguração da TV Borborema em 66, então chamada de “TV Canal 9”, mas até agora não conseguimos encontrar esse material.

O certo é que Benedito afirma ter participado do programa na inauguração oficial da televisão em Campina Grande. Depois desse momento, não conversou mais com Rossil sobre televisão ou possíveis parcerias; não voltou a “telinha” até os anos dois mil.

Através da música Benedito conquistou sua segunda esposa: nessas épocas Maria viu Benedito cantando na TV e foi procurá-lo, e a partir daí iniciaram uma relação que dura até hoje.

Ai ela ouviu eu cantando, foi dai começou a amizade da gente. O segundo casamento. Ai eu... o segundo casamento. Eu me casei e dai parti pra viola de novo. Num deixei mais a viola. Ai quando eu me casei vi que a viola não dava certo muito, pra cantar dinheiro, ai comecei trabalhando e no sábado para o domingo na viola. Ai depois dei umas viajada, umas coisas, mas era uma coisa muito ruim pra eu arrumar o que comer. Sofri muito. Era um pé-quebrado danado. E eu passei muito tempo andando, pegando viagem. Ia pra muito longe. Voltava não tinha jeito. Trazia, as vezes não trazia.
(Benedito do Rojão)

A aparição na televisão não garantiu que outras oportunidades melhores de trabalho ligadas a música surgissem para Benedito. Quando parecia que o contexto pessoal iria melhorar, na verdade começa um período de ostracismo na sua carreira.

Casado, tendo assumido os filhos da esposa que era viúva quando se conheceram, morando em Campina Grande; nos finais dos anos sessenta as dificuldades materiais foram atingindo cada vez mais sua família.

3.6. Fora dos palcos?

A narrativa sobre todas as experiências que vimos até agora, culminando com a aparição na Televisão, foi bem extensa e muitas vezes detalhista. Vários fatos foram lembrados e

contados por Benedito que não media quantidade de frases para narrar sua vida nesses tempos. Mas em se tratando do período posterior a sua aparição na televisão, muito pouco conseguimos ouvir dele. Sobre esse período que inicia depois de 66 e vai até os anos 2000 (quando retoma com todo vigor sua carreira artística) sentimos que pouco quis falar; apesar de ter histórias para contar.

Mesmo continuando tocando repente na viola (ficou na viola até os anos dois mil), quando se refere a esse tempo muitas vezes fala como tendo se afastado dos palcos. Mas nas entrevistas confessou que na verdade nunca se separou da música. Sobre a década de setenta fala:

Tocava. Em setenta. Olhe aí. Eu comecei em sessenta, comecei em sessenta e quatro aí quando eu comecei em sessenta e quatro emburaquei (...) nunca parei que quando eu saí da música aí eu cantei, peguei uma viola aí emendei. Agora depois que eu me casei também fiquei cantando com viola. Agora, trabalhava mas do sábado pro domingo eu cantava. Eu fiz profissão muito tempo sem trabalhar a ninguém. Aí depois eu comecei trabalhar mas do sábado pro domingo, na viola. Vim parar de tocar na viola em sessenta, em dois mil e um. Não, em dois mil e cinco (...) (B. do R., 02-jun-2011)

Durante a década de oitenta também não foi diferente, permaneceu na viola.

Não se afastou do universo musical, ao contrário, escreveu algumas músicas que deixou guardadas pois não tinha grupo para tocar e também não tinha como gravar. *“Tem umas que eu nem me lembro mais”*. (B. do R., 02-jun-2011)

Apesar de produzir algumas músicas, não tinha o objetivo claro de gravar. Diz que quando chegava em um forró cantava uma ou outra, mas depois não dava mais atenção ao material.

É dessa época “Professora descuidada”:

Eu não quero aprender ler, nem também saber contar. Quero é saber se a minha nega me ensina a namorar. Eu não quero aprender ler, nem também saber contar. Quero é saber se a minha nega me ensina o B A BÁ. Minha nega é professora, com ela eu quero aprender. O livro que ela me deu, foi uma carta de A B C. (música cantada durante entrevista com B. do R., 02-jun-2011)

A década de 90 parece ter sido fértil para Benedito no que diz respeito a produção de músicas. Além da citada acima, nesse período foram criadas algumas que acabaram sendo gravadas posteriormente em CDs.

Uma prova do certo reconhecimento e conhecimento que Benedito ainda (ou já) tinha, foi o fato de Pinduca ter gravado duas músicas suas, em finais de 1990: “Campina Grande” e “Se Deus quiser”.

Nesse caso, conforme constatamos na discografia oficial de Pinduca, ambas as músicas são atribuídas a João Benedito.

O interessante nesse caso específico é perceber a visão de Benedito sobre seus trabalhos:

Melhorou uma coisinha de conhecimento quando ele gravou a música. Mas ele cantando né. Quem tinha, quem tinha todo, quem tava com todo o poder era ele. Eu só fiz ficar por detrás da cortina (...)Mas o problema é que eu num cantava a música, não apresentava a música. A força, a força do, do, da música é quem apresenta a música. Você pode ser o compositor, meu compositor, meu. Mas ai que tem toda a beleza no palco é o cantor. Você fica por detrás da cortina. O caba diz “essa música é minha”. Você pode dizer “é minha”. Mas, a, a, a beleza ta em quem ta interpretando né. Pronto. (B. do R., 02-jun-2011)

Não deixou de tocar viola nesse período de mais de três décadas que vão depois de 66 (quando participou da inauguração da TV Borborema) até os anos dois mil. Produzia algumas músicas bastante interessantes, algumas inclusive sendo gravadas por outros intérpretes.

Continuou sendo conhecido por muitos, o que lhe rendeu desdobramentos futuros, como veremos.

3.7. Anos dois mil...

Nos primeiros anos do novo milênio, Benedito foi a uma festa na Casa do Poeta; era o lançamento do livro de Luiz Amorim. “*É, eu fui só, bebê cana que nesse tempo eu bebia. Mas bebia não. Bebia mais não. Eu fui só pa visitar e fazer parte, olhar a festinha lá. Ai tava Inaudete cantando mais João Gonçalves música né. Ai me chamaram pra eu cantar.*” (B. do R., 02-jun-2011)

Benedito conhecia Luiz Amorim, que entre outras coisas também era cantador de viola. Durante a festa acabou sendo convidado para subir ao palco. Cantou três músicas e chamou atenção de alguns presentes.

Quando desceu do palco chegaram até ele Romero Zeferino (professor da Universidade Federal de Campina Grande) e Carlos Farias (advogado que trabalha no Banco do Brasil). Os três conversaram um tempo. Perguntaram para Benedito se ele tinha CD gravado, e este respondeu que não. Perguntaram se ele fazia músicas próprias, respondeu que tinha umas três ou quatro músicas em casa. Disseram então que iriam investir recursos para que gravasse. “Boa!!!”.

Desse momento até a gravação do primeiro CD passaram-se quase dois anos.

Quando a Universidade Federal de Campina Grande comprou a idéia da gravação de um CD, formaram uma banca com professores da área de música que fizeram uma pesquisa, inclusive gravaram algumas entrevistas. É mais que provável que possamos encontrar materiais diversos produzidos ao longo dessa pesquisa pela UFCG.

O certo é que com o reconhecimento da universidade e o primeiro CD gravado, a vida de Benedito tem uma reviravolta geral.

Agora quando a universidade me deu a oportunidade, já passou muito tempo pra ela me dar essa oportunidade. (...) Tudo contou. Ai ficou apagado lá que a universidade não sabia. Mas quando eu peguei a frequentar a universidade, ai eu descobri. Com minha boca mesmo descobri. Nem em jornal, nem nada. Ai foi que eu disse na universidade. Nas entrevistas na universidade, que a universidade fez muitas entrevistas comigo. Locutor fez... ai começou... quando a universidade... (...) Ai quando a universidade... sim... quando a universidade me deu a primeira oportunidade ai me levaram logo pra uma emissora. Ai lá na emissora eu disse. Borborema, levaram eu. Rádio, rádio Panorâmica. Ai eu fui dizendo que cantei na Borborema. Fui dando a prova. Ai fui dando a prova. Na rádio, na rádio Panorâmica fui dando a prova. Na rádio, ai na rádio Ariús, fui dando a prova. Ai na rádio Campina Grande, fui dando a prova. Caturité, fui dando a prova. Que eu fiz isso. Ai a universidade conheceu... (...) Quem era eu porque não sabia. A universidade não sabia quem era eu. Ai eu, eu fiquei nesse, nesse jogo. Tudo quanto fazia um trabalho, uma entrevista, eu dizia um negócio. Ai foi... (...) Foi pegando. Ai, foi levantando o astral. Ai o astral do conhecimento. Ai a universidade, todo mundo ficou sabendo quem era eu. Mas que tava no anonimato. (B. do R., 22-mar-2011)

Foi nesse processo que recebeu o nome artístico que utiliza até hoje: Benedito do Rojão.

Foi depois desse processo que saiu do anonimato e ganhou fama. Gravou outros CDs, fez inúmeras apresentações, foi aplaudido, ganhou prêmios e troféus, foi agraciado com o Título de Mestre das Artes da Paraíba.

Porém esses fatos já fazem parte de um passado bem mais recente, um passado na verdade presente.

Toda essa epopéia vivida ao longo das décadas, e principalmente o sucesso recentemente alcançado, Benedito atribui ao destino.

Jesus disse “agora o seu tempo é agora.” (...) Faz poucos anos. “O que você vai, o que eu vou lhe dar é agora.” Em dois mil e um num deu. Em dois mil e três num deu. Em dois mil e, ai, em cinqüenta e oito num deu. Em cinqüenta e sete, cinqüenta e um, cinqüenta e três num deu. “Vou dar quando você completar o que é, o tempo de você receber.” Ai num era pa eu correr. Eu podia fazer o que fizesse. Num recebia não. Porque tudo é quando é liberado pela natureza. Pelo que é po caba ganhar. Se eu tivesse gravado cum, cum quinze anos, vinte, dezoito, talvez eu já tivesse morrido, porque eu me empolgava muito ai eu ia arrumar mulher bonita ia arrumar tudo, gastando dinheiro, e talvez pe, pegado até uma doença, já tivesse morrido. E isso e aquilo outro. (...) Me deu no tempo que era pra ser vindo né. (...) Eu tenho seis filhos. Eu tenho mais. Eu tenho uma, Patrícia uma, Carla duas, Fabiana três, Julio quatro, Severino cinco, Francisco seis, João Batista sete, e morreu dois. Tá vendo. E tem mais dois que eu criei. Quando eu me casei com ela, eu tinha uma menina e um menino que era dela. Ela era viúva, aí eu criei. Um com três anos e outro com quatro. Criei, criei com pai e filho. Mas que eles num me chama de pai não que eles já era entendido e num, num conheceu que eu num era pai mesmo não, já era grandinho. Mas eu criei e fiz a obrigação como pai né. Ai eu... Mas o problema é que, o problema é que a gente tem que passar pelo objetivo ou negativo ou positivo. (...) É uma cruz. Aquela cruz o caba tem um tanto de carregar, a medida de carregar, as léguas e os, os quilômetros. (...) eu nunca sabia que eu ia passar por essa (...) Você vê o objetivo da música o que deu pra mim. (B. do R., 02-jun-2011)

CONCLUSÕES

Consideramos o presente texto como um trabalho inicial sobre a vida de João Benedito Marques. Achamos que é possível desenvolver ainda mais a pesquisa e a construção da narrativa, para que a atual monografia venha a se tornar um livro. Podemos futuramente tomar outro rumo de pesquisa, mais similar ao que definimos nesse texto como “biografia”.

Realizamos uma grande problematização, pois mais do que fazer qualquer afirmação, procuramos lançar os testemunhos de um personagem sobre sua própria história, ao mesmo tempo em que levantamos alguns questionamentos e também acrescentamos algumas informações de contextos. Fizemos questão de garantir um tópico para o que chamamos de “historiografia de Benedito do Rojão”. Nesse espaço apontamos os trabalhos que já foram realizados e as possíveis fontes sobre o assunto.

A cronologia da presente narrativa foi dada por nós, historiadores. A sequência das lembranças de Benedito não correspondia a qualquer ordem cronológica.

Destacamos que Benedito se lembrou (ou fez questão de se lembrar) mais de fatos ocorridos durante sua juventude e seus anos em Campina Grande (antes e durante sua passagem pela rádio), e igualmente nos momentos posteriores ao ano 2000, década em que “é redescoberto”. Sobre o período que vai pouco depois de ter feito a inauguração da TV, em 66, até por volta da década de 2000, pouco fala Benedito. Acreditamos que esse fato ocorra justamente porque foi nesse período que ficou mais afastado dos palcos, da vida musical.

Sua carreira havia “decolado” muito cedo e do primeiro momento até a participação na TV foi só ascensão. Depois disso veio um período de maior apatia, ou melhor, sua carreira ‘deu um estagnada’. Até que em 2000 ele “ressurge”.

Interessados nesse período em especial da sua vida, inquerimos Benedito, durante algumas vezes nas entrevistas, sobre sua produção musical, seus relacionamentos pessoais, etc. Descobrimos, como fizemos ver no item 3.6 “Fora dos Palcos?”, que ele nunca se afastou totalmente da música. Inclusive realizou algumas composições.

Mas de toda forma, esse período de relativo ostracismo de sua produção e carreira musical foi marcante para ele que vê sua história a partir da música.

Como consequência desses caminhos sinuosos percorridos pelas lembranças, em nossa monografia desenvolvemos mais o texto quando esse tratava de fatos ocorridos num tempo mais “patrasmente”. Os acontecimentos mais recentes foram trabalhados, mas demos um enfoque maior ao período que vai “antes do nascimento” até “Benedito na Televisão”, Os

fatos ocorridos depois da gravação do primeiro CD de Benedito também ficaram para posterior trabalho.

Outro ponto merecedor de algumas considerações finais é a visão que Benedito tem da música, ou pelo menos a definição que ele dá ao termo música: quando fala das rodas-de-coco da sua infância, quando fala do coco-de-embolada em geral, quando fala da viola, Benedito não usa o termo música para se referir a esses elementos e práticas. Só usa o termo música quando se refere ao forró e outros gêneros quando são tocados com conjunto, quando existe um grupo de músicos. O termo “Música”, para ele, significa aquilo que é apresentado por uma banda, aquilo que se pode gravar, é o forró por exemplo; aquilo que o mercado absorve! Questionado em entrevista se havia parado de tocar em algum momento de sua vida, respondeu: *“É, não parei de tocar música né, eu parei de tocar música né. (...) eu num tocava não nesse período. Tocava com viola.”* (B. do R., 02-jun-2011)

Outro ponto importante e que merece maior atenção no futuro, é o reconhecimento que faz da origem da música que canta: negra.

É importante falarmos também que, sobre sua mulher, Dona Maria, Benedito colocou ela como testemunha de várias situações: ela via Jackson entregar pão quando jovem, ela viu Benedito pela televisão na inauguração da TV, etc. Também não poderíamos deixar de dizer que durante parte das nossas entrevistas Maria estava no quarto, ao lado da sala, escutando a conversa.

Alguns fatos da vida de Benedito do Rojão são merecedores de pesquisa mais profunda no futuro. As gravações de “Forró na Gafieira” por Rossil e de “Santo Antonio” por Jackson do Pandeiro são exemplos. Parte de fama atual de Benedito, ou pelo menos um dos temas mais explorados pela mídia, é sua “parceria com Jackson”, tida como certa por uns e inventada por outros.

Para concluirmos, reafirmamos a importância de trabalhos historiográficos baseados na memória dos velhos, pois como diz o pensador citado no início do capítulo 03, *“cada ancião que morre é como uma biblioteca que se queima”*. Acrescentamos que cada biblioteca ou livro deve ser estudado com variados cuidados.

REFERÊNCIAS

Depoimentos orais:

Entrevistas gravadas e transcritas com Benedito do Rojão, realizadas em sua residência no bairro do Monte Santo, Campina Grande/PB, por Herbert de Andrade Oliveira, nas seguintes datas:

1^a – 07 de março de 2011

2^a – 22 de março de 2011

3^a – 15 de abril de 2011

4^a – 02 de junho de 2011

5^a – 21 de junho de 2012

Bibliográficas – considerações teóricas:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo/SP: Editora Ática, 1997.

GONÇALVES, Regina Célia. **A história e o oceano da memória:** algumas reflexões. IN: Revista SAECULUM. João Pessoa/PB: Ed. Universitária UFPB, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Memórias, percursos e reflexões – entrevista com Antonio Torres Montenegro.** SAECULUM – REVISTA DE HISTÓRIA. João Pessoa/PB: Editora universitária UFPB, jan/jun 2008.

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito:** substratos da identidade. Revista História Oral/Associação Brasileira de História Oral, n. 03, 2000, pág. 109-116.

PEREIRA, Lúgia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. Revista História Oral/Associação Brasileira de História Oral, n. 03, 2000, p. 117-127.

VERENA, Alberti. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

Bibliográficas – contextualizações:

LUIZ, Janailson Macêdo. SOUZA, Maria Lindaci Gomes. **Caiana, coco e ciranda**: as cirandeiras de Caiana dos Crioulos e a arte de (re) inventar as tradições e o cotidiano. Artigo apresentado no II Seminário Nacional – Gênero e Práticas Culturais

MOURA, Fernando, VICENTE, Antonio. **Jackson do Pandeiro**: o rei do ritmo. São Paulo/SP: Editora 34, 2001

SOUZA, Onildo Gouveia. **Memória de trabalhadores da cultura do algodão em Serra Branca – PB (1950-1980)**. Monografia do Curso de História – DHG/UEPB. Campina Grande/PB: 2007.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. OLIVEIRA, Flavianny Guimarães. FREITAS, Goretti Maria Sampaio. **História da mídia regional**: o rádio em Campina Grande. Campina Grande/PB: EDUFCEG/EDUEP, 2006

Músicas de Benedito do Rojão:

“Carro de Boi”

“Senhor de Engenho”

“Benedito no Coco”

“Nascendo o dia”

“Bandeira do Forró”

“Forró na Gafieira” (Rossil Cavalcanti)

“Três pedidos” (Jackson do Pandeiro)